

# Educação Museal

experiências e narrativas

Prêmio Darcy Ribeiro 2015

# Educação museal: experiências e narrativas

Prêmio Darcy Ribeiro 2015

Instituto Brasileiro de Museus

© 2023 Instituto Brasileiro de Museus

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons – Atribuição CC BY-SA, sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que mencionada a fonte, e desde que novos conteúdos criados a partir desta obra sejam licenciados sob termos idênticos.



#### Governo Federal

##### Presidente da República

Luís Inácio Lula da Silva

##### Ministra do Cultura

Margareth Menezes da Purificação Costa



##### Presidenta

Fernanda Santana Rabello de Castro

##### Diretora do Departamento de Processos Museais

Mirela Leite de Araújo

##### Diretor do Departamento de Difusão, Fomento e Economia de Museus

Joel Santana da Gama

##### Diretor do Departamento de Planejamento e Gestão Interna

Maria Angélica Gonsalves Correa

##### Coordenador-Geral de Sistemas de Informação Museal

Dalton Lopes Martins

#### Unidade Responsável pela publicação

Departamento de Processos Museais

#### Coordenação de Museologia Social e Educação

Marielle Costa Gonçalves (coordenadora)

#### Divisão de Educação

Dalva Oliveira de Paula

Joana Regattieri Adam

Vivian de Oliveira Cobucci (chefe substituta)

#### Divisão de Museologia Social

Felipe Evangelista Andrade Silva

Juliana Vilar Ramalho Ramos

Raquel Fuscaldi Martins Teixeira (chefe)

#### Apóio administrativo

Fabiana Alves Sousa de Andrade

Danilo Alves de Brito

#### Estagiário

Vinicius Martins Oliveira

#### Ficha Técnica

##### Organização

Marielle Costa Gonçalves

Joana Regattieri Adam

Renata Silva Almendra

##### Revisão técnica

Dalva Oliveira de Paula

Joana Regattieri Adam

Juliana Vilar Ramalho Ramos

Marielle Costa Gonçalves

Renata Silva Almendra

Vitor Rogério Oliveira Rocha

Vivian de Oliveira Cobucci

##### Revisão dos textos

Carmem Cecília Camatari Galvão de Menezes

##### Projeto gráfico e diagramação

Simone Kimura

##### Caligrafia da capa

Maria Clara Cobucci Silva

159 Instituto Brasileiro de Museus.  
Educação museal : experiências e narrativas / Instituto Brasileiro de Museus. –  
Brasília, DF : IBRAM, 2023.  
92p. (Prêmio Darcy Ribeiro 2015)

ISBN: 978-65-88734-14-8

1. Museus. 2. Educação museal. I. Prêmio Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD 069.07

# Sumário

Prefácio [7](#)

Apresentação [9](#)

Joana Regattieri Adam

Loas, manobras, baques e cores: a tradição oral de Camaragibe contada por seus mestres [14](#)

Patrícia Bartolomeu de Araújo (Omiyàlé)

Programa Malungos: diálogos entre Museu Afro Brasil e Fundação Casa [22](#)

Renata dos Santos

O Frevo é Negro! – Experiências Educativas do projeto “Frevo e Consciência Negra” [30](#)

Vanessa Marinho

Domingo MAM: o museu e o bem comum [43](#)

Daina Leyton

Museu do Patrimônio Vivo [59](#)

Laetitia Valadares Jourdan

Gabriela Limeira de Lacerda

Marcela de Oliveira Muccillo

Moysés Marcionilo de Siqueira Neto

Pablo Honorato Nascimento

Projeto Hyperlink – Núcleo Educativo do Museu da Imagem e do Som [72](#)  
Yule Liberati Barbosa

4<sup>a</sup> Gincana – História da energia elétrica em Panambi/RS [83](#)  
Temia Wehrmann  
Cléa Hempe

Agradecimentos às autoras e autores dos artigos que compõem esta edição do Caderno Educação Museal – experiências e narrativas do Prêmio Darcy Ribeiro, e às instituições museais que colaboraram generosamente com a presente publicação.

**NOTA:**

Todos os artigos e imagens que compõem esta publicação são de inteira responsabilidade dos autores. Alguns termos e conceitos utilizados nos textos podem não refletir as perspectivas teóricas ou posicionamentos políticos adotados por este Instituto Brasileiro de Museus.

# Prefácio

O *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas*, série de publicações do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), reúne e apresenta diversas práticas educativas museais selecionadas e contempladas nas edições do Prêmio Darcy Ribeiro. O Prêmio tem por finalidade reconhecer e incentivar programas, projetos e ações desenvolvidos por museus brasileiros e que expressam metodologias e propósitos da educação museal, sobretudo aqueles considerados inovadores e que apresentam impactos sociais positivos e transformadores.

Com o primeiro edital lançado em 2008, o Prêmio Darcy Ribeiro foi criado por iniciativa do extinto Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), seguido pelo Instituto Brasileiro de Museus na sua ação, a partir da sua criação em 2009 como responsável pela implementação da Política Nacional de Museus (PNM). Até o presente momento, foram promovidos oito editais do Prêmio Darcy Ribeiro – 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2015, 2019 e 2021 –, que premiaram os primeiros colocados em dinheiro e concederam menções honrosas a outras iniciativas selecionadas. As comissões de seleção de cada edital contam com profissionais de notório saber e de reconhecida atuação no campo da educação museal no Brasil, garantindo a qualidade e a atualização constantes dos critérios de avaliação e seleção do Prêmio Darcy Ribeiro.

Os cadernos *Educação Museal: experiências e narrativas* contribuem na qualificação técnica e profissional do setor museal brasileiro e na implementação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), desdobramento da PNM no campo da educação. Por meio de artigos de autoria dos profissionais dos museus e instituições que tiveram projetos educativos contemplados no Prêmio Darcy Ribeiro, as edições do *Caderno* visam ampliar o conhecimento de boas práticas em educação museal, permitindo estabelecer referências positivas para as experiências educativas de outras instituições e inspirar o desenvolvimento de

alternativas e soluções para a superação de dificuldades comuns entre museus e instituições culturais.

Das oito premiações realizadas, foram publicadas três edições do *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas* referentes aos anos 2008, 2009 e 2010 do Prêmio Darcy Ribeiro, integralmente disponibilizadas no site do Ibram e que podem ser acessadas em: <<https://antigo.museus.gov.br/educacao-museal-experiencias-e-narrativas-premios-darcy-ribeiro/>>.

No momento em que as orientações sanitárias de afastamento social implementadas como medida de contenção diante da expansão da pandemia de Covid-19 em que diversas restrições impactaram diretamente o funcionamento dos museus no Brasil e no mundo, torna-se ainda mais relevante a ampla disponibilização de materiais, digitais e impressos, que ofereçam informações sobre o campo museal, como as publicações do *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas*. Ressalta-se a premente necessidade de troca de experiências e conhecimentos sobre as práticas em educação museal em nosso país, cujos profissionais foram especialmente atingidos com reduções salariais, perdas de postos de trabalho e adaptações emergenciais às interações virtuais com os públicos, evidenciando a importância e o papel de destaque que os educativos de museus possuem.

O Ibram, ao dar continuidade às publicações do *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas*, relativas às cinco últimas edições do Prêmio Darcy Ribeiro – 2011, 2012, 2015, 2019 e 2021 –, visa contribuir com a preservação e a disseminação dos registros e das narrativas sobre as práticas educativas nos museus brasileiros, bem como com a melhoria da qualidade da educação no país, convidando educadores de museus e sociedade em geral a conhecer, por meio de textos e imagens, as experiências contempladas no Prêmio Darcy Ribeiro de Educação Museal e a participar de seus próximos editais.

**Fernanda Castro**

Presidenta do Instituto Brasileiro de Museus

# Apresentação

Joana Regattieri Adam<sup>1</sup>

"Raízes  
Eu...  
*História e cicatrizes*  
*Ancestrais e raízes*  
*de mim mesma e do povo:*  
*sou matizes.*"  
Juliana Lino<sup>2</sup>

A palavra raiz desvela múltiplos sentidos: origem etimológica; causa de alguma situação ou acontecimento; ancestralidade de culturas, povos e famílias; sustentáculo e meio de nutrição das árvores, das plantas e dos vegetais. Para as raízes, é essencial ter terra boa e fértil para se desenvolverem e frutificarem, ofertando firmeza e alimento às comunidades de vozes e naturezas que emergem à superfície. Toda floresta – toda coletividade – fundamenta-se em suas raízes para florescer. Dessas fontes, brotam complexos sistemas de vida, rizomas atravessados por camadas temporais e circunstâncias históricas de dominação, violação, desvios, cujos impactos sofridos podem interromper para sempre seus processos de crescimento.

---

<sup>1</sup> Técnica I - Ciências Sociais. Coordenação de Museologia Social e Educação. Divisão de Educação - Instituto Brasileiro de Museus.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Karine (Org.). *Raízes - resistência histórica: escritoras negras*. Belo Horizonte: Venas Abertas, 2018. p. 87.

O movimento de busca junto às origens preservadas para conceber práticas educativas em museus brasileiros tem servido de precioso antídoto contra o desaparecimento de nossas riquezas ancestrais. Revolver a terra em que os museus se eternizaram, remover montanhas de silenciamento dos artefatos ali guardados, catalisar o encontro entre gerações para retornar à luz nossas heranças culturais, fortalecendo suas resistências, são ações possíveis da educação museal no Brasil.

Com o primeiro edital lançado em 2008, por iniciativa do extinto Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Demu/Iphan), o Prêmio Darcy Ribeiro do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) faz-se presente como um motivador da proliferação criativa e comprometida de ações educativas em museus, ampliando a visibilidade e o reconhecimento da diversidade de práticas brasileiras em educação museal, sobretudo aquelas consideradas inovadoras e que potencializam a conexão museu e sociedade.

Em 2015, o 6º Edital do Prêmio Darcy Ribeiro selecionou nove projetos educativos de diversos museus brasileiros, sendo distribuída a premiação de 10 mil reais a cada selecionado, constituindo a primeira edição a não contemplar projetos com menções honrosas.

A retomada da sequência de edições do prêmio, concebido para ser publicado com periodicidade anual, após um intervalo de 3 anos, coincidiu com o momento de realização do I Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal (ENPNEM), ocorrido no âmbito do 6º Fórum Nacional de Museus, sediado na cidade de Belém/PA, em novembro de 2014. Passado um ano, os resultados do 1º ENPNM, com a aprovação dos cinco princípios básicos que comporiam a Política Nacional de Educação Museal, instituída em 2017, estimulariam nova chamada pública para seleção de projetos especialmente voltados às práticas e ações de educação museal no país.

Como nas edições anteriores, o edital 2015 explicita os critérios de avaliação dos projetos habilitados, levando em consideração clareza nos objetivos da ação educativa, inovação e criatividade quanto à temática e metodologia, possibilidades de desenvolver o projeto/ação para outros públicos e localidades,

impacto sociocultural, fundamentação teórica, acessibilidade e democratização, além de elevar a pontuação para as instituições inscritas no Cadastro Nacional de Museus, assim como valorizar a descentralização geográfica das experiências avaliadas.

A inovação em relação às edições anteriores reside na ênfase ao caráter participativo, com envolvimento de agentes internos e externos no engajamento entre museus e comunidades, e na perspectiva educativa de museu inclusivo, dando atenção especial à diversidade étnica, à de gênero, à social e à cultural.

Batuque, mestres, cultura popular, diálogo, reflexão, relações raciais, dança, experiências educativas, comunidade negra, memória coletiva, bem comum, jovens, ressignificação, patrimônio vivo, processo museológico, *hiperlink*, formação continuada, gincana, interação, história, acervo: palavras e expressões colhidas pelos sete artigos recebidos dos nove projetos contemplados em 2015. Uma pequena e representativa mostra de narrativas que expressam diversidade de ações, temáticas, metodologias, desdobramentos e caminhos do trabalho com educação realizado por instituições museais brasileiras.

Destaca-se o conjunto significativo de projetos premiados com a temática afrodescendente aqui apresentados: um arvoredo de ações educativas! Como podemos apreender da experiência narrada no texto “Loas, manobras, baques e cores: a tradição oral de Camaragibe contada por seus mestres” que enxerga, em seus velhos detentores dos saberes, a garantia de continuidade das expressões culturais locais, afagando a terra enraizada para preservação de suas comunidades.

Em “Programa Malungos: diálogos entre Museu Afro Brasil e Fundação Casa”, o legado afro-brasileiro é trabalhado na mediação entre um dos acervos de arte mais importantes do país com profissionais da Fundação Casa e jovens em contextos educativos de vulnerabilidade social. Adolescentes, jovens e adultos são convidados a mergulhar na matriz cultural africana, unindo histórias, cicatrizes e individualidades ao pomar de narrativas ofertadas pelo Museu.

A raiz geradora de tanta força é celebrada no artigo “O frevo é negro! – experiências educativas do projeto ‘Frevo e consciência negra’ – Paço do Frevo (Recife/PE)”. Ações educativas são ativadas em torno da potência afrodescendente da

dança, envolvendo os participantes a experimentarem, na prática, a herança negra do frevo de antigos carnavais.

Campos verdejantes nascem expostos ao vento. Ressalta-se o trabalho cuidadoso e atento feito com a juventude, apresentado pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo no artigo “Domingo MAM: o museu e o bem comum”. Situações de risco dos jovens frequentadores do entorno do museu permitiu ao MAM/SP se repensar e ressignificar suas ações educativas em prol do bem comum.

Nessa semeadura, podemos conhecer aqui o projeto “Museu do Patrimônio Vivo”, que apresenta o trabalho de identificação e valorização do patrimônio cultural de João Pessoa/PB e Grande João Pessoa/PB, por meio da formação de jovens para musealização das referências culturais locais.

O “Projeto Hyperlink – núcleo educativo do Museu da Imagem e do Som” demonstra a força da preservação de ações educativas de longo prazo, conectando há mais de uma década estudantes da rede pública de ensino de São Paulo ao acervo do MIS: fibras comunicantes reforçadas pela interação e acesso de jovens às imagens e sons do Museu.

Do mesmo entroncamento nasce o projeto “4<sup>a</sup> Gincana – História da energia elétrica em Panambi/RS” que se vale de atividades dinamizadas pelo Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann e Wegermann (MAHP) para engajar jovens estudantes do município de Panambi/RS a conhecerem a história da energia elétrica local por meio da interação com seu acervo.

Raízes geram mudas, árvores e arvoredos. Ações educativas museais são caminhos para que nossa mata de riquezas culturais se mantenha diversa, pulsante e frutífera.

Boas leituras!

A close-up photograph of a man with a long, curly grey beard and mustache. He is wearing a light-colored straw hat and a patterned orange, green, and white shirt. He is singing into a black microphone held by a stand. The background is blurred, showing some foliage and possibly a building.

# Laboratório de Intervenção Artística (Laia)

# Loas, manobras, baques e cores: a tradição oral de Camaragibe contada por seus mestres

Patrícia Bartolomeu de Araújo (Omiyàlé)<sup>1</sup>

**Resumo:** Iniciativa voltada à difusão de grupos e mestres das culturas populares do município de Camaragibe/PE, entendendo estes como agentes que garantem, ao longo dos anos, a continuidade das expressões culturais e a preservação identitária das comunidades.

**Palavras-chave:** Canto das Memórias Mestre Zé Negão; Camaragibe; oralidade; Laboratório de Intervenção Artística-Laia.

---

<sup>1</sup> Produtora cultural, coordenadora do Laboratório de Intervenção Artística-Laia, aprendiz de Mestre Zé Negão e Iyáwó do Ilé Àṣe Òrisànlá Tàlàbí.

O município de Camaragibe está localizado na Região Metropolitana do Recife, distante 15 km da capital pernambucana. Com pouco menos de 150.000 habitantes, foi juridicamente constituído no ano de 1983, quando se emancipou da cidade de São Lourenço da Mata, porta da Zona da Mata, no norte do estado. Historicamente habitada por populações indígenas e posteriormente pelos povos africanos escravizados trazidos para o trabalho nos engenhos, a cidade carrega vasto número de manifestações culturais que apresentam origem afro-indígena. Além dos mestres e griôs de tradição oral, há elevado número de brinquedos populares sediados nas periferias, a maioria dos quais hoje brinquedos ligados ao ciclo carnavalesco.

Apesar de sua recente fundação (o município foi emancipado de São Lourenço da Mata em maio de 1982), grande parte das manifestações culturais da cidade situa-se na mesma localidade em datas que precedem sua constituição jurídica e sobrevivem em núcleos familiares e comunitários que herdam e repassam a tradição. Um dos maiores exemplos observados em termos de continuidade é o da família Luna, ligada ao Caboclinho. O patriarca da família, Cacique Luna (falecido em 2010), foi responsável pela origem de grande parte dos grupos de caboclinhos existentes na cidade, pela realização anual do Encontro Estadual dos Caboclinhos e é reconhecido como o maior mestre da tradição no estado. Hoje sua família (filhos, netos e bisnetos) é responsável pela continuidade da tradição que envolve boa parte dos moradores da comunidade.

A ausência, por um longo tempo, de espaços ou ações dedicadas à preservação da memória social da cidade fez com que boa parte desta fosse perdida: apesar de um vasto campo artístico-cultural, parte do patrimônio cultural imaterial se esvaiu com seus representantes. É neste contexto que nasce, no ano de 2003, o Laboratório de Intervenção Artística (Laia), instituição comunitária periférica com foco na difusão, na manutenção e na preservação do patrimônio cultural imaterial da cidade a partir da memória social das comunidades. Atuando em uma perspectiva contínua de fortalecimento identitário e entendendo a ancestralidade como parte fundamental no processo de preservação da cultura, o Laia desenvolve uma série de projetos e ações com grupos e mestres das tradições, colaborando consideravelmente com a visibilidade e

continuidade de manifestações populares da cidade, difundindo o acesso e a salvaguarda de algumas destas, promovendo seu registro por meio textual, fotográfico e audiovisual.



**Foto 1:** Atividade formativa no Canto das Memórias Mestre Zé Negão.

A iniciativa “Loas, manobras, baques e cores: a tradição oral de Camaragibe contada por seus mestres”, iniciada no ano de 2014, teve como objetivo promover a difusão e a valorização das culturas populares e tradicionais do município de Camaragibe, por meio da memória das árvores mais velhas<sup>2</sup>: seus mestres, mestras e griôs, por meio da realização de rodas de diálogo, oficinas, exposições, contações de histórias e apresentações. Como base, foram utilizados

---

<sup>2</sup> Forma popular de referência aos mestres e mestras, uma vez que, nas culturas populares, assim como em toda tradição oral, são estes os principais sujeitos da continuidade, pois por serem mais velhos na idade e no brinquedo, acumulam conhecimento ao longo dos anos e os repassam aos descendentes da tradição. O termo faz analogia à árvore, por serem os mestres quem oferecem a estrutura e as condições necessárias à perpetuação das culturas.

dados do Mapeamento Cultural de Brinquedos e Mestres de Cultura Popular, realizado pelo Laia em 2009, que resultou em rico acervo de dados sobre estes personagens tão fundamentais na história do município e que são os grandes responsáveis pela continuidade e pela manutenção das práticas populares que constituem as tradições da cidade e, assim, a história de todos os seus moradores. A partir de então, foi traçado um plano de ações com vistas a fortalecer a visibilidade aos mestres e griôs de algumas das tradições culturais da cidade: bois de carnaval, urso, caboclinho, maracatu, coco, ciranda, bloco lírico, percussão/lutheria e artesanato.

Realizada em quatro etapas, a ação foi iniciada com rodas de diálogo, visando sensibilização da comunidade sobre a importância das tradições populares e preservação da memória, e oficinas com jovens da cidade. As oficinas e rodas foram lideradas por Mestres do município e profissionais das áreas de museologia social e patrimônio imaterial. Posteriormente, foram realizadas vivências coletivas com os Mestres participantes com o intuito de se aprofundar nas suas histórias e na história de seus fazeres. A proposta das rodas, ao invés da realização de entrevistas individuais, foi de engendrar as histórias, principalmente entre mestres de ofícios similares e de mesma localização geográfica e temporal. A terceira etapa do projeto deu-se com a organização, sistematização e tratamento dos dados coletados para sua posterior disponibilização, que ocorreu na quarta e última etapa, onde se realizou a montagem e a circulação da exposição “Mestres das memórias”, contendo dez telas confeccionadas para o projeto com imagens dos mestres participantes. Também foram realizadas rodas de diálogo com os mestres participantes do projeto em escolas públicas estaduais. Além disso, foram realizadas cinco edições da “Sambada da Laia”<sup>3</sup> em homenagem/celebração a uma parte dos mestres participantes do projeto.

---

<sup>3</sup> Sambada da Laia é uma ação cultural que promove apresentações de grupos e mestres das culturas populares e tradicionais na cidade de Camaragibe. Realizada pelo Laia desde o ano de 2006, trata-se de um valoroso momento de celebração e vivência das tradições, em que mestres, aprendizes e público de diversos brinquedos populares e diferentes gerações vivenciam e trocam seus saberes.



Fotos 2 e 3: Material expositivo produzido pelo projeto. Dona Dora (Boi Rubro Negro) e Cacique Luna (Caboclinhos Tabajaras).

As atividades aconteceram em escolas públicas da cidade e também no Canto das Memórias Mestre Zé Negão, espaço comunitário fundado pelo Laia e voltado à preservação e difusão da memória social da cidade e do seu patrimônio imaterial a partir da oralidade, característica fundamental na salvaguarda e continuidade das tradições culturais em diáspora. A tradição oral apresenta-se como herança capaz de garantir, ao longo dos anos, a preservação dos saberes e a perpetuidade das manifestações culturais. Esta, assim como as demais práticas pedagógicas presentes nos grupos populares, constituem-se em valiosas ferramentas educacionais, uma vez que trazem intrínsecas as especificidades dos grupos e comunidades onde estão inseridas e contribuem na formação étnico-social de indivíduos, preenchendo, inclusive, falhas encontradas

nas instituições educacionais. Além disso, tais práticas sobrevivem ao longo dos tempos, resguardando as tradições populares e preservando o patrimônio imaterial do país a partir da ancestralidade. Não obstante, são alvo constante de injúrias e desvalorização devido às suas origens, encontrando resistência para seu reconhecimento, fazendo-se necessária a existência de ações que venham fortalecer e disseminar tais práticas, considerando sua importância social, educacional e cultural, agindo diretamente na formação das comunidades e de outras, uma vez que permanecem arraigadas na identidade dos sujeitos em quaisquer ambientes que esses venham a frequentar.

Superando adversidades dos círculos sociais em que se encontram, os grupos e as comunidades conseguem reunir características que em muito



Foto 4: Mestre Zé Negão na Sambada da Laia.

contribuem no processo de ensino-aprendizagem e que devem ser espelhadas: fincam-se no seio de suas comunidades, sendo parte delas de tal forma que criam, nos sujeitos, o sentimento de pertencimento, essencial na formação do sujeito sociológico. Os processos pedagógicos ali presentes estão postos como conjuntos, sem a típica dissociação dos conhecimentos que está presente no academicismo, sem a barreira do conhecimento prévio; perpetuam hábitos e estimulam a formação identitária. Ainda assim, tais grupos e sujeitos são comumente alvo do preconceito historicamente construído contra negros e indígenas; a cultura eurocêntrica e o racismo há muito fomentados no país atingem cruelmente as tradições populares, castigadas pela crença de serem inferiores devido à sua origem, marginalizando seus participantes e subsidiando-os à negação de sua identidade.

Assim, torna-se urgente e necessária a realização e a valorização de ações promovidas por tais grupos como forma de garantir a preservação do patrimônio a partir de seu principal agente: a comunidade e suas formas de fazer, impedindo que a sua identidade seja esquecida ou renegada, colaborando diretamente na preservação do patrimônio cultural do país.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo pessoal de Patrícia Araújo (Omiyàlé). Créditos da foto 4: Rennan Peixe.

A photograph showing a group of people, mostly women, looking at exhibits in a museum. The exhibits are yellow panels with various items displayed. One woman in the foreground is holding a white cloth. The background is filled with more exhibits and people.

**Museu Afro Brasil e Fundação Casa**

# Programa Malungos: diálogos entre Museu Afro Brasil e Fundação Casa

Renata dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O “Programa Malungos” busca contribuir para a implementação das orientações previstas nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 em contextos educativos de vulnerabilidade social. Partindo do acervo da exposição permanente do Museu Afro Brasil, as ações do Programa promovem reflexões que contribuem para que, no cotidiano das unidades da Fundação Casa, os profissionais possam agenciar e desenvolver ações educativas voltadas ao enfrentamento de preconceitos, discriminação e racismo.

**Palavras-chave:** Museu Afro Brasil; Projeto Malungos; educação étnico racial; Fundação Casa.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Mestra em História Social pela mesma universidade (2019). Atualmente é auxiliar de coordenação do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil.

Com o objetivo de promover o acesso a todos os cidadãos à história e à cultura brasileira a partir da perspectiva do negro, em 2006 o Museu Afro Brasil iniciou relação de parceria com a então Fundação para o Bem-Estar do Menor (Febem). Na ocasião, o centro de nossas atuações baseava-se em receber jovens e adolescentes para visitas mediadas, bem como eventuais visitas às unidades da Febem para dialogar com esses jovens e adolescentes em situação de privação de liberdade.

A parceria entre o Museu Afro Brasil e a Fundação Casa deu-se, efetivamente, em 2010, com o objetivo de contribuir para a formação e a atuação dos agentes pedagógicos e demais profissionais que atuam na instituição, por meio de um curso semestral, inicialmente com duas turmas por semestre. De maneira simultânea, demos continuidade ao atendimento de jovens e adolescentes, oferecendo visitas mediadas por nossa equipe de educadores.

Em 2013, paralelamente ao curso oferecido aos profissionais da Fundação, bem como às visitas mediadas para os jovens e adolescentes, o Núcleo de Educação efetuou oficinas em algumas das unidades da Fundação Casa. Uma equipe do Núcleo de Educação se dirigia até as unidades da Fundação Casa e lá realizávamos atividades educativas com os adolescentes e jovens.

A partir de 2015, passamos a investir no aprofundamento das ações complementares, o que envolve atendimentos de jovens e adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. Nosso compromisso com esse público é proporcionar o contato e a reflexão sobre a história do Brasil, contada por uma perspectiva em que a população negra é entendida como sujeito e agente fundamental na formação da sociedade brasileira, por meio de visitas à exposição permanente, assim como às exposições temporárias promovidas pelo Museu Afro Brasil.

Partindo das culturas africanas e afro-brasileiras, essas ações nos possibilitam desenvolver e salvaguardar as identidades afro-brasileiras, valorizando a diversidade brasileira, elevando a autoestima dos adolescentes negros que cumprem medidas socioeducativas e propiciando harmonia e respeito étnico entre adolescentes e servidores da Fundação Casa.

Por meio das exposições, das visitas e das oficinas oferecidas pelo Museu Afro Brasil, nossas ações visam contribuir para que os jovens atendidos pela

Fundação Casa compreendam algumas particularidades da cultura e da população afrodescendente que são importantes para a nossa percepção como indivíduos brasileiros, o que possivelmente fortalecerá o sentimento de pertencimento daqueles que são afrodescendentes. Com o intuito de colaborar para que esses jovens ampliem seus conhecimentos e vivências por meio da promoção de momentos diferenciados de aprendizagem, a criação e imaginação são estimuladas por reflexões e percepções provocadas pelas materialidades e experiências artísticas durante o desenvolvimento dos exercícios plástico-visuais.

O trabalho é desenvolvido durante as visitas previamente agendadas, nas quais o Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil leva em consideração cada um dos grupos atendidos pelos educadores. Portanto, o Núcleo de Educação organiza as mediações tendo como referenciais os perfis dos grupos que são atendidos pelo educativo, a partir das características dos adolescentes e jovens em questão. Os educadores conduzem as visitas aos núcleos que constituem a exposição tendo como princípio estimular os olhares dos jovens e adolescentes para as dimensões históricas, estéticas e políticas das obras observadas. Por intermédio do diálogo, as visitas enfatizam as impressões e reflexões que as obras causam. Por outro lado, as oficinas, que são sempre articuladas às visitas, possibilitam outras formas de aguçar os conhecimentos e discussões que o acervo do Museu Afro Brasil dispõe à sociedade brasileira, nesse caso para os jovens e adolescentes que cumprem medida socioeducativa.

Paralelamente aos atendimentos com os jovens e adolescentes, o Núcleo de Educação desenvolve uma formação que tem por objetivo produzir conhecimento complementar à formação/preparação dos servidores da Fundação Casa, no que diz respeito às culturas africanas e afro-brasileiras. Em consonância aos objetivos já citados neste artigo, esta formação também se dispõe a auxiliar os funcionários na compreensão de algumas singularidades da cultura e da população como sujeitos brasileiros e, no caso da Fundação Casa, subsidiar os profissionais para a interlocução com os adolescentes e familiares sujeitos à elaboração do Plano Personalizado de Atendimento; da mesma maneira que a formação instrumentaliza os profissionais para ações pedagógicas desenvolvidas diariamente na instituição.

Trabalhamos para que os participantes do curso conheçam o mais profundamente possível os núcleos que constituem o acervo da exposição de longa duração, bem como tenham contato e possam descobrir as mostras temporárias em exibição durante o período de duração do curso. Atendendo à solicitação da Fundação Casa, a ação tem como foco os conceitos de ancestralidade, identidade, cidadania e relações étnico-raciais. Tomamos como principais referências os seis núcleos que constituem a exposição de longa duração do Museu Afro Brasil: África, Áfricas; Trabalho e Escravidão; Festas – Sagrado e Profano; Religiosidade afro-brasileira; História e Memória; e Arte – do Século XVIII à contemporânea. Além das visitas mediadas, promovemos palestras, discussões ou atividades de estudos mediados pela equipe do Núcleo de Educação.



Foto 1: Programa Malungos.

Os profissionais que atuam na Fundação Casa também são expostos a atividades práticas, nas quais ora são interpelados como aprendizes e ora são convidados a ocuparem o lugar de mediadores culturais. Esta metodologia tem por propósito contribuir para que o “lugar” de aprendiz, assim como o “lugar” de mediador, estejam em diálogo constante nas concepções e ações desses profissionais que atuam diretamente com os jovens e adolescentes que passam pela Fundação Casa.

Em 2018, o Programa Malungos desenvolveu formações que foram divididas em dois módulos e nove encontros quinzenais. O primeiro módulo consistiu em apresentar o acervo da exposição de longa duração, relacionando-o com as discussões que giram em torno dos “Direitos humanos e vulnerabilidade social”, contemplando uma dinâmica na qual teorias e discussões estavam alinhadas e havia visitas ao acervo e exercícios de mediação e pesquisa. Seguindo tal metodologia, partimos para o segundo módulo, dessa vez voltado para profissionais que já haviam participado de formações com o Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil. No entanto, nesse momento, o objetivo foi aprofundar as discussões que permeiam as religiosidades afro-brasileiras, considerando que esse é um tema que normalmente exige atenção peculiar durante todo o processo de formação de tais profissionais, pois, no geral, há significativa falta de conhecimento em torno das religiões de matrizes africanas ocasionando muitos equívocos e reações diversas.

A experiência de dividir o encontro em dois módulos foi significativa e importante, pois, dessa forma, pudemos reencontrar profissionais que participaram dos primeiros módulos há alguns anos e que, de alguma forma, nos apresentam devolutivas de como têm desenvolvido os temas relacionados ao Museu Afro Brasil nas unidades da Fundação Casa.

É importante destacar que, normalmente, os profissionais que participam do primeiro módulo da formação oferecida pelo Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil são profissionais que não dispõem de repertório sobre as temáticas que envolvem a exposição de longa duração do Museu Afro Brasil. É comum que esses profissionais estejam no lugar de quem está descobrindo um novo universo no que diz respeito a tais assuntos e discussões. Com o passar dos



Foto 2: Programa Malungos.

anos, fica cada vez mais comum que profissionais voltem ao Museu trazendo os adolescentes para realizar uma visita com o educativo, como forma de dialogar ou concluir trabalhos e atividades que realizam nas unidades da Fundação Casa.

Os educadores que atuam na Fundação Casa desenvolvem com os adolescentes alguns grupos de trabalho, nos quais discutem e realizam trabalhos com temas diversos. Após uma visita ao Museu Afro Brasil, os adolescentes participaram do grupo de discussão “Identidade cultural e memória brasileira”, dentro de uma unidade da Fundação Casa. Após as discussões estimuladas pela visita ao Museu Afro Brasil, o adolescente E.C. escreveu um poema, do qual reproduzimos uma estrofe:

“Nelson Mandela você foi um guerreiro  
Martin Luther King, você foi um lutador verdadeiro  
Por mais que levasse essa cicatriz no peito  
Hoje são conhecidos pelo mundo inteiro”

Recebemos esse poema como uma demonstração de que o trabalho realizado pelo Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil alcança os jovens e

adolescentes de forma significativa e, principalmente, quando esse trabalho é realizado por meio dos diálogos entre os profissionais que os acompanham diariamente e entre os profissionais do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu Afro Brasil.



## Paço do Frevo

# O Frevo é Negro! – Experiências Educativas do projeto “Frevo e Consciência Negra”

Vanessa Marinho<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta as atividades desenvolvidas na ação educativa “Frevo e Consciência Negra”, a partir da percepção da forte influência da comunidade negra na composição histórica do frevo, que se observa em suas diferentes frentes de atuação. Compreendendo o papel dos museus como espaços de construção de um passado e de elaboração de uma memória coletiva, esta ação deu conta de promover atividades que pudessem endossar a herança negra na formação do frevo como expressão cultural.

**Palavras-chave:** Frevo; educação em museus; carnaval; memória negra; Paço do Frevo.

---

<sup>1</sup> Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal de Pernambuco e mestre em História pela mesma Universidade. Esteve à frente da Coordenação do Educativo e, atualmente, é Coordenadora de Conteúdo do Paço do Frevo.

Paço do Frevo é um equipamento cultural que tem, dentre outros, o objetivo de desenvolver ações de salvaguarda voltadas para o frevo em suas diferentes frentes de atuação, que surge a partir das demandas provenientes de seus processos de reconhecimento como Patrimônio Imaterial do Brasil (Iphan) e Patrimônio Imaterial da Humanidade (Unesco). É um equipamento cultural vinculado à prefeitura do Recife, gerido pelo Instituto de Desenvolvimento e Gestão, uma organização social especializada na gestão e no desenvolvimento de múltiplos



Foto 1: Maestro Edson Rodrigues.

projetos de interesse público nas áreas de cultura e meio ambiente.<sup>2</sup> O Projeto foi realizado pela coordenação do Núcleo Educativo, que à época estava vinculado à gerência de Conteúdo da instituição.

O Programa Educativo tem como missão estabelecer, de maneira interativa e interdisciplinar, um espaço voltado ao acolhimento e ao desenvolvimento de experiências estéticas, culturais, sensoriais e reflexivas em torno do frevo, a fim de ampliar o potencial pedagógico e promover, por meio de diálogos e atividades práticas, um ambiente propício à descoberta, à indagação, à assimilação, à crítica e à interpretação. Essa missão dialoga com a orientação do Paço do Frevo em garantir ampla acessibilidade, contribuindo no exercício da cidadania, da diversidade, do diálogo, da troca de experiências, da construção e da difusão do conhecimento. Essas orientações inspiraram a elaboração do projeto “Frevo e Consciência Negra”, na perspectiva de estimular o pensamento crítico imbricado às relações sociais e raciais em torno do frevo no que tange à sua composição étnica

O frevo é uma expressão cultural amplamente conhecida no país por ser uma marca do carnaval do Recife e que, a cada ano, se consolida como uma das principais referências identitárias da cultura popular em Pernambuco e no Brasil. Sabe-se que a composição social, étnica e cultural do Brasil, em algumas regiões, tem forte influência da herança deixada pelos africanos e seus descendentes. No entanto, essa presença nem sempre é evidenciada ou sequer mencionada, devido, sobretudo, ao racismo estrutural que ainda persiste em nossa sociedade. Neste sentido, a ação “Frevo e Consciência Negra” procurou dar ênfase à presença negra na formação histórica do frevo, trazendo como proposta seu diálogo com diferentes esferas da cultura negra, utilizando como fio condutor iniciativas educativas e artísticas com o intuito de ampliar os conhecimentos, as experiências e as possibilidades resultantes do encontro entre a cultura negra no Recife e o frevo.

---

<sup>2</sup> Maiores informações em <<https://www.idg.org.br/pt-br/sobre-o-idg>>.



Foto 2: Passistas Zenaide Bezerra, Lucélia Albuquerque e Rebeca Gondim.

Historicamente, o discurso sobre o frevo é associado à discussão sobre a mestiçagem no Brasil: o frevo é colocado como resultado dessa grande mistura de povos que forma a sociedade brasileira. Um exemplo dessa realidade pode ser observado na fala de Valdemar de Oliveira, em seu livro *Frevo, Capoeira e Passo*,<sup>3</sup> escrito originalmente em 1942, que diz o seguinte:

Nem negro, nem índio, nem branco luso, espanhol ou holandês. Se se tivesse de despistar a filiação genealógica, avós e pais apareceriam bem mestiços. Mulatos. Foi o capoeira do Recife, o ancestral do passo. E o frevo, esse surgiu de uma mistura heterogê-

<sup>3</sup> O livro “Frevo, Capoeira e Passo” é uma publicação basilar nos estudos sobre a história do frevo. Foi escrito pelo pesquisador Valdemar de Oliveira e foi uma das primeiras publicações sobre o tema, o que a torna a principal referência de estudos sobre a história do frevo.

nea, cujos ingredientes têm menos interesse do que a criação coletiva que deles nasceu. (OLIVEIRA, Valdemar, p. 14)

No entanto, a despeito do que o autor pontua quando diz que “os ingredientes têm menos interesse do que a criação coletiva” –, os ingredientes (ou seja, a cultura negra) têm fundamental interesse no estudo da trajetória do frevo. Se pensarmos na atual configuração do carnaval do Recife – um carnaval marcado pelas brincadeiras e pelos desfiles nas ruas –, poderemos identificar sua gênese nos antigos clubes de pedestres, um modelo de carnaval em que as pessoas e as agremiações transitavam pelos mesmos espaços. Em contraposição aos clubes de alegoria e crítica – mais elitizados e, consequentemente, mais brancos –, o povo que brincava nas ruas e que compunha as categorias de trabalhadores que criaram agremiações ou que tocavam nas bandas militares, tinha, em sua pele, a marca do legado africano, marca esta que compõe a diversidade cultural em Pernambuco. Com base nessas considerações, o projeto procurou estimular, por meio das iniciativas propostas, a seguinte reflexão: qual a importância de pensar a relação entre frevo e consciência negra?

De acordo com Antônio Motta e Luiz Oliveira (2013), atualmente estamos vivenciando um fenômeno da patrimonialização das diferenças culturais, haja vista as recentes políticas públicas de patrimônio voltadas para segmentos sociais historicamente negligenciados. Este fenômeno é responsável, segundo Motta e Oliveira, por uma revisão nas linguagens utilizadas para apresentar o legado cultural desses segmentos e, no caso da cultura negra, é responsável por questionar uma forma de representação, predominante nos museus, que privilegia um passado servil e limitado ao mundo do trabalho e das práticas religiosas. Pensando nesse histórico, e na tentativa de restabelecer a visibilidade da presença da população negra em outros espaços – neste caso, na composição do frevo como expressão popular –, a ação educativa “Frevo e Consciência Negra” foi moldada pensando nas conexões e nas possibilidades que o frevo pode inspirar, a partir da promoção de algumas atividades e de ações artísticas que compõem esse diálogo.

Antes do planejamento e da realização das atividades, a equipe de educadores participou da formação para a mediação “O Frevo é negro!”, com o intuito de instrumentalizar a equipe para incorporar, nos conteúdos da mediação, as referências relacionadas à cultura negra na composição do frevo, com indicação de leituras e propostas de abordagens dentro da expografia que pudessem dar conta desse tema. Foram apresentadas personagens, agremiações e referências<sup>4</sup> ligadas à negritude que pudessem endossar o discurso da mediação. Um exemplo de informação compartilhada com a equipe de educadores foi a da autoria do Hino n. 1 de Vassourinhas, composto no final do século XIX (1889, um ano após a assinatura da Lei Áurea) por Matias da Rocha e Joana Batista,<sup>5</sup> artistas negros que compuseram um dos frevos mais conhecidos e mais tocados no carnaval, mas sobre os quais ainda se tem pouca informação (ARAÚJO, 2007).

## 1. Atividades da 15<sup>a</sup> Semana dos Museus – Mediação Especial “O Frevo é negro!” e oficina “Lugares de história e memória: debates contemporâneos sobre o patrimônio cultural afro-brasileiro em Pernambuco”.

Após a formação voltada para o tema “Frevo e consciência negra”, os educadores puderam inserir, em seu trabalho de mediação – com os mais diversos tipos e perfis de público que visitaram o Paço durante a Semana dos Museus – todas as referências que conseguiram encontrar que dialogassem com a exposição e com os conteúdos compartilhados na Formação. O tema da Semana dos Museus daquele ano mostrou-se bastante oportuno para dar conta da necessidade de

---

<sup>4</sup> Duas sugestões de leitura essenciais para esse mapeamento foram os livros “Sem elas não haveria Carnaval” e “100 anos de Frevo: uma viagem nostálgica com os mestres das evocações carnavalescas”. Ambas as publicações trazem informações detalhadas sobre pessoas que fizeram parte da história do frevo.

<sup>5</sup> Em março de 2019, um grupo de documentaristas começou a investigar a vida de Joana Batista, dando a conhecer, inclusive por seus descendentes, a importância dessa figura para a história do carnaval pernambucano. A pesquisa foi noticiada pelo jornal Folha de Pernambuco, e a matéria está disponível em: <https://www.folhape.com.br/DIVERSAO/2330-O-%20RENASCIMENTO-JOANA-MULHER-QUE-COMPOS-VASSOURINHAS/99748/>

representatividade de alguns temas, o que era exatamente a proposta que se pretendia com a ação “Frevo e Consciência Negra”: o tema “Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus” trouxe, para reflexão, as narrativas museológicas e o que poderia justificar as “lembranças” e os “esquecimentos” nas narrativas expográficas. A mediação foi pensada para essa ocasião e, devido à emergência do tema, ainda permanece como parte das propostas educativas do Paço. Além da mediação, foi realizada uma oficina sobre patrimônio cultural afrobrasileiro com o pesquisador e professor Mário Ribeiro, em que tanto os educadores, quanto o público em geral puderam participar.

## 2. Frevo e Capoeira

No escopo da ação “Frevo e Consciência Negra”, a maior parte das atividades foi promovida no sentido de destacar a conexão entre o frevo e a capoeira. Foram elas: o curso “Frevo e capoeira para crianças”, a oficina “Capoeira e corpo brincante”, o lançamento do CD “É futuro, é passado” do Centro de Capoeira São Salomão, e o Arrastão do Frevo<sup>6</sup> com “Brabos e valentões”.

A predominância de atividades ligadas à capoeira dentro do projeto “Frevo e consciência negra” deve-se a ela ser o principal referencial no que diz respeito à gênese da dança do frevo: o passo. Na síntese do Dossiê de Candidatura do Frevo à Patrimônio Imaterial, encontramos uma contextualização da inserção dos capoeiras nesse contexto:

[...] o frevo toma corpo a partir de gêneros musicais, executados pelas bandas marciais e fanfarras, e da presença dos capoeiras, grupos de homens, negros ou mestiços que, à frente das bandas, se enfrentam na defesa de interesses diversos, inclusive de partidos

---

<sup>6</sup> O Arrastão do Frevo é um evento promovido pelo Paço do Frevo que consiste em um cortejo, nas ruas do entorno do Paço, de um grupo de frevo. Nesse ano, o grupo Brabos e Valentões, composto por capoeiras que tentam resgatar a aproximação entre os movimentos do frevo e da capoeira, integrou a programação do Arrastão.

políticos. A destreza da luta e os novos saltos inventados pelos capoeiristas ao som das músicas interferem diretamente na criação do passo, tipo de dança exibida pelo frevo de rua. A repressão policial sobre o capoeira fez que seus golpes fossem disfarçados, possibilitando uma coreografia que passou a ter denominações próprias. (2006, p. 21-22)



Foto 3: Arrastão do Frevo com Brabos e Valentões.

É com essas bases históricas que se consolida a presença da população negra na formação do Frevo, por isso as atividades realizadas tiveram por objetivo incluir a aproximação das novas gerações com estas expressões (Frevo e capoeiras para crianças), estimular a comunidade da capoeira a se (re)aproximar do frevo (oficina capoeira e corpo brincante) e promover ações artísticas e culturais que possibilitem esse diálogo (lançamento do Cd do grupo São Salomão e Arrastão do Frevo)

### 3. Workshop Brasil-África – Oficinas de dança e percussão com o afoxé Omô Nilê Ogunjá

Para promover maior aproximação do público do Paço com outras expressões culturais de matriz africana, foi convidado o Afoxé Omô Nilê Ogunjá para ministrar oficinas de música e dança dos orixás. As oficinas foram ofertadas em dias distintos, para possibilitar que os interessados pudessem se integrar nas duas ações.



Foto 4: Oficina de Percussão.

#### 4. Contação de Histórias com Ebomi Cici

Aproveitando a presença da Ebomi Cici em Recife, foi realizada, em parceria com o Centro Cultural Xambá, a atividade “Contação de Histórias com Ebomi Cici” para públicos de todas as idades. Vovó Cici, como também é chamada, é uma das mais importantes griôs da atualidade, conhecida por seu trabalho desenvolvido por muitos anos ao lado do fotógrafo francês Pierre Verger, autor de algumas fotos presentes nas exposições do Paço do Frevo.

Dada a importância de se pensar a diversidade étnica no contexto da cultura popular e a educação como uma ação transformadora, esta iniciativa foi fundamental por contribuir para a valorização da cultura negra em espaços onde ela foi pouco visibilizada, na qual o público envolvido pôde se apropriar de outro olhar acerca do frevo e da cultura do carnaval. Essa possibilidade de mudança na perspectiva acerca da composição histórica do frevo pode ser fruto de uma forma de se relacionar com o tempo próprio de nossa época, o que é denominado, por François Hartog (2003), como “regime de historicidade”:

Entendidos como uma expressão da experiência temporal, regimes não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes, organizam o passado como uma sequência de estruturas. Trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca de vivenciar nosso próprio tempo. (HARTOG, 2003, p. 12)

Pensar a composição de um passado estimula a aplicação da percepção sugerida por Reinhart Koselleck (2006) a respeito da relação entre passado e futuro,<sup>7</sup> tendo em vista que as atividades promovidas pela ação “Frevo e

---

<sup>7</sup> Segundo Reinhart Koselleck (2006), a nossa relação com o tempo é dotada de sua própria historicidade; ele percebe que, ao contrário da ideia de “tempos históricos”, que seguiriam uma ordem linear e mensurável, o que existem são “tempos sobrepostos”, que ampliam a duração de uma percepção sobre o tempo, especificamente sobre a relação passado-futuro. Sendo assim, em contraposição a um passado que deveria permanecer nesta condição, “à medida em que o homem experimenta o tempo como algo sempre inédito, o futuro lhe parece cada vez mais desafiador” (p. 16) e, consequentemente, mais atraente.

Consciência Negra” se configuram como iniciativas de salvaguarda dessa memória negra, que viabilizam também a aproximação dessa memória às novas gerações e a outros públicos. Vale dizer que, no contexto dos museus, “seus silêncios podem nos ajudar a pensar sobre a própria elaboração e representação do passado, bem como sobre os dispositivos de poder mobilizados na legitimação de memórias”.<sup>8</sup> Com a ação “Frevo e Consciência Negra”, o Paço do Frevo buscou construir uma percepção do frevo não apenas como signo cultural, mas especialmente como forma de expressão que dialoga com a perspectiva da resistência, do empoderamento e do papel social e político que o frevo teve para as populações afrodescendentes, com uma programação que explora artística, pedagógica e reflexivamente todo esse potencial.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo institucional do Paço do Frevo. Créditos da foto 3: Rafael Bandeira/Exclusiva BR. Créditos da foto 4: Yngrid Vasconcelos.

## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, João. *100 anos de frevo: uma viagem nostálgica com os mestres das evocações carnavalescas*. Recife: Baraúna, 2007.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- HARTOG, François. “Tempo e patrimônio”. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez., 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. de Wilma Patrícia Mass e Carlos Alberto Pereira, revisão de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC Rio, 2006.

---

<sup>8</sup> Texto de apresentação do tema da 15ª Semana de Museus. Disponível em: <[https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/SemanaMuseus2017\\_GuiaProgramacao\\_Final.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/SemanaMuseus2017_GuiaProgramacao_Final.pdf)>

MOTTA, Antônio; OLIVEIRA, Luiz. "Dramatização e patrimonialização das diferenças culturais: a experiência museográfica como ato performático". In: SANDRONI, Carlos; SALLÉS, Sandro Guimarães de. *Patrimônio Cultural em discussão: novos desafios teóricos metodológicos*. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

LÉLIS, Carmem (Org.). *Dossiê de candidatura do frevo: Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Iphan, 2006.

OLIVEIRA, Valdemar de. *Frevo, capoeira e passo*. 2. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. *Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Recife, Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, 2010.

SILVA, Claudilene; SOUZA, Ester Monteiro de. *Sem elas não haveria carnaval: mulheres do carnaval do recife*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011.



Museu de Arte Moderna

# Domingo MAM: o museu e o bem comum

Daina Leyton<sup>1</sup>

**Resumo:** O “Domingo MAM” é um programa criado com os jovens frequentadores do parque mais visitado da cidade de São Paulo, o parque Ibirapuera. Uma situação de risco que se apresentou nesse espaço criou oportunidade para o museu se ressignificar, repensar suas ações e atuar em prol do bem comum.

**Palavras-chave:** Museu de Arte Moderna de São Paulo; jovens; bem comum; risco social; parques.

---

<sup>1</sup> Educadora, psicóloga e atualmente coordena o educativo e a acessibilidade do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Com experiência em educação museal, gestão cultural e promoção de saúde, idealiza e desenvolve projetos culturais para públicos diversos que buscam a sensibilização e a tomada de consciência para uma vida em uma sociedade pluralista.



Foto 1: Breaking Ibira - menino dançando e plateia em apresentação de Boys no "Domingo MAM".

O programa “Domingo MAM” nasce do encontro de uma situação de risco com uma possibilidade, dentro do seguinte contexto: O Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) está situado no parque mais visitado de São Paulo, cidade com poucas opções de áreas verdes e lazer gratuito, desproporcionais ao seu tamanho e ao de sua população. Aproximadamente 150.000 pessoas visitam, a cada final de semana, o parque Ibirapuera, um local onde os potenciais e as contradições da cidade se evidenciam. Assim como São Paulo, o parque é palco de rica

diversidade étnica e cultural, mas também de desigualdades sociais e disputas territoriais. Entre esse alto número de visitantes, o entorno do MAM é um dos lugares escolhidos para permanência de diferentes grupos de jovens, oriundos de diversas regiões da cidade. Essa ocupação, ao mesmo tempo em que se mostrou interessante apropriação do espaço público, também criou uma situação complexa: a alta quantidade de pessoas, com suas diferentes origens e buscas, somada ao alto consumo de álcool e outras drogas, acabou por desencadear episódios preocupantes, como recorrentes brigas e comas alcoólicos.<sup>2</sup> Essa foi a situação de risco (principalmente para os próprios jovens) que se anunciaava à nossa frente, do outro lado da parede de vidro do museu, projetada por Lina Bo Bardi.

Sobre a possibilidade: a atuação do MAM Educativo sempre foi pautada na potência da diversidade, e o parque onde estamos é um local privilegiado para que ela seja não só fomentada, mas também celebrada. Por ser um espaço de acesso gratuito para todos, o parque é um dos locais onde as diferenças podem se encontrar e a esfera pública se constitui. Nossa primeiro passo, portanto, foi buscar conhecer o contexto que ali se apresentava, para saber como poderíamos contribuir para manter ou melhorar a qualidade de convivência entre as pessoas que compartilhavam desse mesmo espaço. A equipe de educadores passou a realizar, então, visitas recorrentes à marquise para estabelecer diálogos com os jovens frequentadores, com o intuito de compreender suas demandas e levantar o que poderia ser realizado em cooperação.

Uma mesa com uma lousa e algumas perguntas como: "de onde vem, o que desejam para esse espaço?" nos trouxeram o mapeamento de pessoas que vêm dos mais variados bairros de São Paulo, tanto centrais quanto periféricos. Com uma média de idade entre 13 e 21 anos, estudantes e trabalhadores, os jovens vêm ao parque para encontrar ou conhecer pessoas, descansar ou espalhacer,

---

<sup>2</sup> Esse contexto fez com que representantes de instituições envolvidas passassem a se reunir frequentemente: a Promotoria de Justiça de Defesa dos Interesses Difusos e Coletivos da Infância e Juventude do Ministério Público do Estado de São Paulo, a Guarda Civil Metropolitana (GCM), a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, o Conselho Tutelar da Vila Mariana, a Administração do parque Ibirapuera e o Museu de Arte Moderna de São Paulo.



Foto 2: Educadores em atividade com os jovens frequentadores do parque, na ação nomeada de Máquina Poética.

de certa forma, das adversidades de sua rotina. Parte significativa deles relatou conflitos familiares ou no ambiente da escola e de trabalho, advindos, entre outras razões, pela não aceitação de sua orientação de gênero. Muitos se interessavam ou praticavam alguma linguagem artística, principalmente relacionadas à dança e à música. (LEYTON, 2018, p. 182)

Os relatos e interesses trazidos nesses diálogos se alinhavam a uma compreensão nossa sobre a possibilidade de contribuição dos museus para o bem comum. Entendemos que, para que essa contribuição ocorra, é necessário que estes espaços passem a contemplar linguagens artísticas e narrativas múltiplas, além daquelas já frequentes em suas mostras e programações. Afinal, sendo os museus polos de encontro de muitas pessoas e por trazerem em suas exposições diferentes leituras de mundo, eles podem atuar de duas formas: a de contribuir para a perpetuação ou manutenção de uma lógica estabelecida dominante ou a de seguir em outra direção e desenvolver com seus visitantes

diálogos sobre essas leituras de mundo, buscando uma reflexão crítica e tomada de consciência sobre elas. Sendo essa segunda opção a que guia nossas ações educativas, entendemos que, se a realidade atual exclui tantas pessoas e gera significativo mal-estar social, o que podemos fazer é criar condições de olhamos coletivamente para essa realidade, para sobre ela refletir e podermos criar outros sentidos.

Enquanto o estudo da história da arte permite ter contato com testemunhos e expressões de diferentes épocas, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar sensível e uma reflexão crítica sobre os diversos contextos mundanos passados e atuais, o exercício de experimentação criativa permite imaginar e instituir possibilidades. (LEYTON, 2017 p. 247)

Contudo, sabemos que a história da arte a que temos acesso é calcada, majoritariamente, em narrativas e imagens canonizadas, normalmente por parâmetros eurocêntricos. O mesmo acontece em muitos museus. Um desejo antigo revelou-se, assim, possibilidade, desejo sintetizado aqui no depoimento da educadora de nossa equipe Barbara Jimenez, em conversa realizada no ano de 2012:

Ver mais a cultura popular brasileira dentro do museu, que ampliassemoss nossas ações para além das referências eurocêntricas da história da arte, permitindo que outras vozes ganhassem espaço e que perspectivas culturais e artísticas como as sul-americanas e africanas fossem abarcadas e, assim, contássemos outras histórias que não somente as colonizadas. Conversamos sobre o quanto tudo aquilo fazia sentido e era desejoso, mas ainda não tínhamos em mente *o caminho de como isso poderia acontecer*. No entanto, como diz um provérbio, *a vontade precede a oportunidade*. (JIMENEZ, 2018 p. 193)

Após o processo inicial que envolveu os diálogos com as instituições responsáveis pelo parque Ibirapuera, o mapeamento dos desejos e das possibilidades dos jovens frequentadores do parque e o mapeamento dos desejos da própria equipe do Educativo do MAM, nasceu, em outubro de 2013, o programa “Domingo MAM”.



Foto 3: Roda em visita monitorada com coletivo MAHKU.

O programa iniciou-se com três frentes de atuação: a) pensar uma programação junto com as ações positivas que já ocorriam no parque, como as rodas espontâneas de dança e música; b) trazer uma programação cultural especial para o espaço aberto em frente ao museu; e c) estabelecer um canal de diálogo permanente com os jovens.

A adesão às atividades foi ampla. Presenciamos significativa diminuição das ocorrências no entorno do museu. A participação contínua dos jovens em nossas atividades, junto com outros frequentadores do parque de diferentes faixas etárias, configurou bonita ocupação plural do espaço, onde todos convivem com suas diferentes origens, histórias e valores.

A programação atual do “Domingo MAM” é composta por seis eixos de interesses: oficinas plásticas, música, corpo, cultura de rua, cultura popular

e diálogo. São eixos referenciais orientadores da programação do “Domingo MAM”, mas que se mesclam e contaminam, abrindo novas possibilidades.



Foto 4: Plateia em bate-papo com coletivo Revolta da Lâmpada no “Domingo MAM”.

As oficinas plásticas são proposições de ateliê que fazem parte do cotidiano do MAM, mas que o simples fato de acontecer no espaço externo fez que famílias, que costumavam visitar o parque todos os domingos e nunca haviam entrado no MAM, passassem a participar das atividades e a frequentar o museu. Essas oficinas abertas e gratuitas estimularam também a convivência espontânea de públicos distintos.

No eixo música, projetos culturais parceiros que trabalham a formação musical de jovens, como o Instituto Alana, o Projeto Guri e a Escola do Auditório Ibirapuera, realizam apresentações de diferentes estilos musicais, trazendo referências e novas possibilidades para os jovens que assistem aos shows.



**Foto 5:** Show da Banda Alana no Domingo MAM, em que integrantes se abraçam diante do público. ao fim da apresentação.

Com atividades de dança e proposições que abordam a conscientização corporal, o eixo corpo aborda a expressão que transcende as palavras, promovendo experiências que contribuem para integração e sensibilização corporal, além do cuidado de si.

A cultura de rua sempre esteve presente na marquise do parque Ibirapuera. Nesse eixo, os jovens praticantes dessas linguagens tornam-se propositores de atividades abertas ao público. Batalhas de MCs, campeonatos de *break* e oficinas de grafite integram permanentemente a programação do “Domingo MAM”, celebrando a história do *hip-hop* paulistano.



Foto 6: Oficina de dança no "Domingo MAM".



Foto 7: Show da MCSOFFIA.

Ao trazer manifestações, jogos e danças brasileiras, o eixo cultura popular promove o conhecimento e a consciência dessa identidade brasileira tradicional e plural. Roda de capoeira, teatro de bonecos, coco, samba de roda, bumba meu boi (boizinho), jongo, cacuriá, fandango caiçara, maracatu, cavalo-marinho, samba-enredo, frevo, oficina de pintura e poesia Xakriabá e Huni Kuin, entre outras manifestações, trazem, à marquise, o encontro da memória e da criação, da tradição e da experimentação que constituem nossa história, nossa herança e nossa cultura contemporânea.

O eixo diálogo foi criado, pois uma rotina de escuta se fazia imprescindível para se pensar uma ação com o público. Nessa rotina, constatamos a necessidade de diálogos que buscassem o reconhecimento dos jovens como protagonistas de sua história. Questões como conflitos familiares oriundos da não aceitação de sua orientação sexual por parte de seus parentes ou responsáveis, situações de sofrimento psíquico, dependência química, *bullying*, entre outras, nos levaram a promover debates públicos sobre temas levantados com eles como: cultura LGBT e mídias sociais; corpos mutantes (tatuagens, *piercings*, implantes estéticos e outros); feminismos; a atualidade do *bullying*, grafite, escolas ocupadas (bate-papo com os estudantes das escolas ocupadas); relatos, afetos e corpo livre; gênero nas escolas: passado e futuro da juventude LGBT; HIV não é vergonha; o corpo gordo é lindo; entre outros.

Após seis anos de existência, reconhecemos atualmente os seguintes objetivos do programa “Domingo MAM”:

- Promover o engajamento cultural e social de jovens, visando sua participação ativa no desenvolvimento de atividades e projetos culturais e sociais;
- Assegurar um espaço para debater questões relevantes à juventude, como liberdade de expressão, cultura de paz, direitos humanos, saúde, prevenção de doenças e redução de danos;
- Reconhecer e valorizar o parque Ibirapuera como um espaço essencial da cidade de São Paulo, que resguarda e difunde o patrimônio material e imaterial brasileiro;

- Assegurar o pertencimento do público que já ocupa o parque, contribuindo para a tomada de consciência de sua história e existência, preservando essas histórias e promovendo a coexistência harmoniosa entre os vários grupos que ocupam esse espaço;
- Fomentar, celebrar e difundir a diversidade de gênero por meio de encontros e ações artísticas que debatem as questões sociais, políticas e de direitos da população LGBTQIA+;
- Trazer para o museu e o parque a cultura popular brasileira em sua diversidade e multiplicidade;
- Trazer para o museu e o parque a cultura de rua por meio de uma programação desenvolvida junto com protagonistas da cena do *hip-hop* paulistano;
- Envolver jovens de diversas origens no universo da cultura popular brasileira, contribuindo para o conhecimento da cultura, história e identidade de seu país;
- Envolver migrantes de outros estados que habitam São Paulo nos encontros do “Domingo MAM”, no intuito de preservar e celebrar os costumes e tradições de suas regiões;
- Difundir a produção musical de jovens de projetos culturais parceiros, por meio de apresentações e oficinas de diferentes estilos musicais;
- Garantir uma programação livre que acolha todos os tipos de público e que possibilite a criação de um espaço comum compartilhado.

Nesse cenário, com uma rica diversidade de pessoas, de culturas, de trajetórias e de interesses, testemunhamos preciosos encontros e transformações que nos levam a ressignificar permanentemente nossa compreensão do lugar do museu na sociedade. Difícil descrever essas situações nessas poucas páginas, mas pincelo aqui algumas situações que ilustram o clima do “Domingo MAM”:

A partir das proposições de cultura popular, é possível ver um brincante, sozinho em meio a uma multidão absorta e dividida em seus pequenos núcleos, criar uma grande roda em segundos e o público se envolver nas propostas das manifestações culturais. Assim também ocorre de guerreiros no



Fotos 8 e 9: Apresentação Sambada de Reis no Carnaval do MAM-SP.

maculelê conseguirem criar vínculos entre grupos rivais que habitam a marquise. Presencia-se cirandas que envolvem crianças, jovens e adultos em um mesmo passo. Por meio da brincadeira, do riso, do jogo e do corpo, as danças populares fazem emergir na marquise festejo e encontro.

Nos anos com apresentações e oficinas de *hip-hop* e *breaking*, percebemos o quanto os públicos que têm as tradições populares mais presentes em seu cotidiano frequentam as ações de cultura de rua, assim como os *b.boys* e *b.girls* se interessam pelas oficinas de brincantes e autos populares apresentados na marquise. É no *breaking*, no frevo e na capoeira que a aproximação se materializa; nos MCs e nos repentistas que o encontro dos versos acontecem; nas *jams* e *ciphers* que vemos os passos ensaiados, improvisados, estudados, transmitidos, assim como no cavalo-marinho, na ciranda, no jongo, no coco.



Foto 10: Show da Preta Rara no domingo MAM.



Foto 10: Cantora em show da Programação Fora da Tela no Domingo MAM.

O “Domingo MAM” celebra, assim, a múltipla trajetória que constitui nossa atual sociedade brasileira, com seus inúmeros protagonistas, cada qual com seus diversos simbolismos, existências, conhecimentos e valores. Além da celebração, o espaço de diálogo permanente por meio de debates públicos, além das apresentações e oficinas, traz à tona contradições e opressões que constituem a nossa história, para podermos refletir sobre elas e pensar outras formas de vivermos coletivamente.

Pautado no encontro da tradição com a invenção, do ancestral com o contemporâneo, o que compõe o “Domingo MAM” são encontros que evidenciam a necessidade do respeito e do conhecimento mútuo para garantir a existência de espaços que todos habitam e reconhecem seu pertencimento cultural.

Dentro do parque, compreendido, no imaginário geral, como local ‘oficial’ do lazer e do ócio, embaixo da cobertura da marquise, projetada, a princípio,

para proteger do sol forte e da chuva, configura-se um outro tipo de proteção: uma espécie de suspensão de certas ordens estabelecidas. No vão da marquise, que permite trânsitos livres, reside a possibilidade de encontros que tecem as novas teias. Teias essas que geram algo de irreversível no corpo do museu, que se ressignifica no contato com os corpos que habitam esse espaço. As formas de manifestar, movimentar, mover, dançar e pensar o corpo criam e recriam o modo como compreendemos e contamos nossa história. (JIMENEZ; LEYTON, 2018, p. 55)

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Crédito das imagens: Foto 1: Victor Ugo; Fotos 3, 4, 6, 8, 9, 10 e 11: Karina Bacci; Foto 5: Gregório Sanches; Foto 7: Júlia Salles.

## Referências bibliográficas

- JIMENEZ, Barbara. “Do sentir para o fazer”. In: *Educação e acessibilidade: experiências do Museu de Arte Moderna de São Paulo*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2018.
- KOHAN, Walter Omar; e LARROSA, Jorge. “Apresentação da coleção”. In: LARROSA, Jorge (Org.). *Elogio da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LEYTON, Daina. “Visitas mediadas + experiências poéticas”. In: *Educação e acessibilidade: experiências do Museu de Arte Moderna de São Paulo*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2018.
- \_\_\_\_\_. “Cidades visíveis”. In: *Educação e acessibilidade: experiências do Museu de Arte Moderna de São Paulo*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2018.
- \_\_\_\_\_. “Curar uma exposição sobre a escola: um exercício de pensamento”. In: LARROSA, Jorge (Org.). *Elogio da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.



Museu do Patrimônio Vivo

# Museu do Patrimônio Vivo

Laetitia Valadares Jourdan<sup>1</sup>

Gabriela Limeira de Lacerda<sup>2</sup>

Marcela de Oliveira Muccillo<sup>3</sup>

Moysés Marcionilo de Siqueira Neto<sup>4</sup>

Pablo Honorato Nascimento<sup>5</sup>

**Resumo:** O Museu do Patrimônio Vivo é um processo museológico que atraves-  
sa a formação de jovens para melhoria das comunidades do município de João  
Pessoa (2012-2013) e Grande João Pessoa (2013/2014) para musealização das re-  
ferências culturais locais.

**Palavras-chave:** Processos museológicos; patrimônio cultural brasileiro; educa-  
ção; Museu do Patrimônio Vivo da Grande João Pessoa.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Antropologia pela Université de Provence. É uma das idealizadoras do projeto Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa.

<sup>2</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal da Paraíba e mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Atuou na equipe técnica do Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa e da Grande João Pessoa.

<sup>3</sup> Licenciada em Artes Visuais e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de João Pessoa. É uma das idealizadoras do projeto e coordenadora-geral do Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa.

<sup>4</sup> Licenciado em História pela Universidade Federal de Pernambuco e mestre em Memória social e patrimônio cultural pela Universidade Federal de Pelotas. É historiador do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>5</sup> Advogado, mestre em Direitos Humanos, cidadania e políticas públicas pela Universidade Federal da Paraíba. Coordenador administrativo do Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa.

## Encontro

[...] imagine que: os nossos muros e paredes – que comporiam o edifício do museu – são a própria cidade, ampliando ou reduzindo à medida que o processo deseja; o que seriam as salas são, para nós, as 13 localidades selecionadas; o acervo, por sua vez, composto pelas formas de expressão, celebrações, lugares e ofícios que são bens culturais de cada localidade; nossos curadores – com o trabalho de seleção, pesquisa e preservação desse acervo – são os próprios agentes culturais moradores das localidades; nossos educadores, os praticantes desses bens culturais. O site, o catálogo e a exposição itinerante são as narrativas e imagens que comunicam e conectam esse rico acervo vivo e dinâmico que a Grande João Pessoa possui; o nosso dia e horário de funcionamento, longe de uma escala administrativa, obedece ao calendário de cada referência cultural. (SIQUEIRA NETO, 2016)

Cocos de roda, lapinhas, capoeiras, maculelês, rezadeiras, pescadores, parteiras, igrejas, terreiros, quadrilhas, procissões, alas ursas, escolas de samba, cambindas, lendas, quadrilhas, entre muitas outras referências culturais, encantam os mais diversos espaços das cidades que formam a Grande João Pessoa.<sup>6</sup> Tais referências culturais compõem lugares que transformam os municípios em um mosaico cultural vivo, dinâmico e colorido.

A riqueza das referências culturais da Grande João Pessoa contrasta com os diversos reclames durante os fóruns de cultura e outros momentos de trocas de experiências vivenciados pelo Coletivo Jaraguá, organização sem fins lucrativos, formada por pessoas dedicadas à pesquisa e à promoção da cultura paraibana. Os mestres dos grupos e lideranças comunitárias indicaram dificuldades no envolvimento e na valorização dos jovens com referências culturais locais,

---

<sup>6</sup> Região metropolitana de João Pessoa que, além da capital paraibana, é composta pelos municípios de Cabedelo, Lucena, Santa Rita e Conde.

bem como insatisfações diversas como falta de registro das atividades culturais e produtos de divulgação.



Foto 1: Apresentação do Cavalo Marinho Infantil Sementes do Mestre João do Boi durante a Exposição Fotográfica Itinerante no Bairro dos Novais – 2015.

A narrativa que este museu apresenta está intrinsecamente ligada aos valores democráticos da participação social, como uma via para o exercício da cidadania. O Museu do Patrimônio Vivo pôde ser idealizado e executado em função de um contexto político-cultural de valorização da diversidade. O Brasil estava vivendo intenso e crescente momento de mobilização da participação social nos processos decisórios das políticas públicas. Fóruns, conferências, conselhos fizeram que o pluralismo passasse a fazer parte da realidade das instituições.

Desde 2012,<sup>7</sup> então, na esteira do desenvolvimento de novas teorias, técnicas e práticas museológicas, bem como de políticas culturais dedicadas à diversidade do Patrimônio Cultural Brasileiro, o Coletivo Jaraguá desenvolve o processo museológico denominado “Museu do Patrimônio Vivo”. O processo é voltado à salvaguarda desses bens culturais ditos de natureza “imaterial” que são referência para o desenvolvimento de comunidades dos municípios de Cabedelo, Conde, João Pessoa, Lucena e Santa Rita. Fundamenta-se nas teorias e práticas da Museologia Social que são pautadas pelo comprometimento político, pela participação comunitária e pela preocupação com a diversidade cultural humana.

Nas palavras dos próprios agentes, em definição criada coletivamente durante as práticas formativas,<sup>8</sup> Museu do Patrimônio Vivo ficou definido como:

[...] um processo museológico que, por meio de projetos, cria espaços de troca de histórias, culturas, sonhos, sentimentos e memórias. É espaço de pesquisa, interpretação e exposição com fins de salvaguarda para reconhecer, valorizar, preservar e dar visibilidade aos bens imateriais. Esse processo acontece a partir dos agentes comunitários com a participação da comunidade, buscando contribuir com o desenvolvimento educacional, cultural e socioeconômico.

O Museu do Patrimônio Vivo reconhece, então, o descompasso entre as riquezas das expressões culturais dos diversos grupos perante uma realidade de exclusão econômica e social de suas comunidades. Nesse aspecto, sua ação principal tem sido a de formação de agentes culturais comunitários, jovens de comunidades de periferia engajados na defesa da diversidade cultural de suas localidades.

---

<sup>7</sup> O projeto Museu do Patrimônio Vivo foi financiado no seu primeiro ano (2012-2013) pelo Fundo Municipal de Cultura (FMC) do município de João Pessoa (e se denominou Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa). No segundo ano (2013-2014), recebemos apoio do Fundo de Incentivo à Cultura (FIC) do Governo do Estado da Paraíba, quando o projeto abarcou também os municípios da Grande João Pessoa (nessa etapa, foi nomeado Museu do Patrimônio Vivo da Grande João Pessoa).

<sup>8</sup> Oficina realizada em 12/3/2014 com mediação da professora museóloga Maíra Dias.



Foto 2: Construção do conceito do Museu do Patrimônio Vivo durante as aulas de Educação Patrimonial do Curso de Formação de Agentes Culturais Comunitários.

Essa experiência museal lançou-se ao desafio de reconhecer que são as próprias comunidades que devem ter o poder de definir o que é valioso para elas. E, assim, se, ao falarmos de patrimônio cultural, falamos de seleção, de proteção e de comunicação, levando em consideração as reflexões acerca da participação social nos processos de decisão, importa considerar que as questões centrais que nortearam a elaboração de nossa metodologia foram: quem deve selecionar os bens culturais? Quem deve proteger e como devem ser protegidos os bens culturais? O que e como devemos comunicar?

## Formulações

A ideia do Museu do Patrimônio Vivo nasceu do princípio de que a cultura é um importante fator de desenvolvimento.<sup>9</sup> Assim, o nível de desenvolvimento de um determinado grupo ou país pode ser então medido a partir de sua liberdade política, econômica e social, tendo como base também as possibilidades oferecidas a cada um de estar com saúde, instrução, de ser produtivo, criativo e gozar plenamente de seus direitos (UNESCO, 1996).

A emergência e a consolidação do conceito de Patrimônio Imaterial, conjuntamente com as noções de referências culturais propostas pelo Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC/IPHAN), criaram cenário favorável ao desenvolvimento, ao conhecimento e ao trabalho com o patrimônio em sua dimensão mais ampliada. Tal cenário trouxe novas discussões e ações em torno dos diversos campos de trabalho e estudo que englobam a pluralidade e mutivocalidade intrínseca do Patrimônio Cultural Brasileiro. Sobretudo, tratar com o patrimônio “imaterial” possibilitou às políticas públicas de patrimônio ligarem-se aos bens que testemunham grupos sociais historicamente marginalizados de políticas econômicas, sociais e culturais.

---

<sup>9</sup> Desenvolvimento aqui entendido como aumento da capacidade de escolha dos indivíduos como é definido por organizações como o Pnud e a Unesco.

Como ponto de partida, o Museu do Patrimônio Vivo tem um processo de musealização das referências culturais das localidades a partir da formação de jovens moradores, representantes das comunidades participantes do projeto. Assim, esses espaços de poder que são os museus passam a ser ressignificados, uma vez que se abrem as portas para as próprias comunidades controlarem os meios de representação de sua cultura e identidade. Os atores mais poderosos passam a ser os próprios produtores de cultura e não agentes externos que definem a forma de representação desse “outro”.

Ao ressaltar a diversidade do Patrimônio Cultural Brasileiro, abrem-se canais para que os sujeitos historicamente excluídos possam se pronunciar a respeito de temas do seu interesse. Para além de um espaço de exposição de objetos, escolhidos por uma elite intelectual e visando um público restrito, o processo museológico pode ser um gerador de sentido da população local, fortalecendo o processo de formação identitária e promovendo a melhoria da qualidade de vida dos grupos sociais que habitam na região.

O Museu do Patrimônio Vivo, ainda, pode ser também um local de problematização em que podem ser questionados: o exercício da autoridade e a relação com a alteridade; a seleção das referências culturais e suas possibilidades de inclusão e exclusão; a institucionalização e as práticas institucionais; a participação popular como pilar de qualquer um dos processos.

## Transformações

O projeto do Museu do Patrimônio Vivo da Grande João Pessoa foi construído com o objetivo de criar um espaço de formação, debate, troca e busca de melhoria das condições social e econômica das comunidades participantes. Nas duas etapas do projeto, os jovens agentes culturais comunitários foram selecionados a partir de um processo conjunto entre as lideranças culturais dos bairros e a equipe do Museu. Com maior representatividade desses jovens junto às comunidades, eles são responsáveis por selecionar, estudar e produzir, de forma participativa, os produtos de comunicação do Museu.

O processo de formação dos agentes comunitários abarcou oficinas de informática, língua portuguesa, direito cultural, educação patrimonial, economia aplicada a projetos culturais e fotografia, buscando dar base ao trabalho de identificação dos patrimônios imateriais presentes nos bairros onde residem esses jovens, de forma a identificar e compor o acervo vivo do Museu. As oficinas, para além de ambicionar a valorização da cultura local, buscaram dar bases para que esses jovens possam responder a editais, redigir *releases*, acompanhar e assessorar a divulgação e a produção de eventos culturais, assim como representar e defender os direitos de suas comunidades.

O Museu do Patrimônio Vivo caminha na linha traçada pelos movimentos museológicos que se construíram a partir do diálogo entre as políticas e



**Foto 3:** Aula de campo, entrevista com a mestra Ana Lúcia durante a visita aos Quilombos de Ipiranga e Gurugi.

metodologias patrimoniais, levando em conta os contextos sociais, territoriais, simbólicos e políticos dos bens culturais imateriais. Esta experiência é retrato de uma práxis acerca do pensar ações reais e palpáveis para a diversidade cultural local em diálogo com as diretrizes que conduziram a política pública para o patrimônio cultural imaterial brasileiro.

Nesse sentido, seleção, estudo e comunicação, que envolvem as ações constitutivas do fazer museal, foram realizados a partir do processo educativo que compreendeu o curso de formação dos agentes. Sem esquecer da salvaguarda como uma das ações constitutivas do universo dos museus, pois, compreendendo os bens culturais identificados pela pesquisa produzida pelos agentes culturais comunitários como aquilo que configura nosso acervo, o processo de salvaguarda está contemplado em todas as demais ações mencionadas anteriormente. Com efeito, ações de valorização das práticas culturais e reconhecimento dos atores sociais envolvidos são importantes estímulos para a continuidade dos fazeres culturais.

## Resultados

Os produtos de comunicação do projeto estão alinhados ao objetivo de valorizar bens culturais tradicionais da região, considerados patrimônios imateriais pela comunidade que os vivenciam. A exposição fotográfica itinerante que contou com 11 montagens em diversas localidades da Grande João Pessoa, bem como a publicação de dois catálogos de bens culturais imateriais, são ações culturais que se inserem nessa perspectiva de valorização, contribuindo para o reconhecimento de referências pelo público em geral, além de fortalecer a autoestima dos mestres e participantes, funcionando também como produtos culturais da própria comunidade. Outro produto de comunicação foram três edições de Seminários, que tiveram como temas a discussão da cultura, do patrimônio imaterial e a importância desses bens para a formação das identidades locais.

A partir do inventário produzido pelos agentes, que resultou na impressão dos catálogos e na circulação da exposição, percebemos que foi possível



**Foto 4:** Participação da Agente Cultural Comunitária Nina no lançamento do Catálogo de Bens Imateriais n. 1, no “Seminário integrado: Paraíba discute patrimônio, museus e educação”.

conferir visibilidade à cultura popular e contribuir para a desconstrução do olhar estigmatizante que recai sobre os moradores de tais comunidades. Além de contribuir com a divulgação das formas de expressão, os catálogos e a exposição do Museu servem também como portfólio para comprovação da atuação de diversos grupos culturais locais. Assim, são também instrumentos que viabilizam contratações dos grupos pelo Poder Público.

A trajetória percorrida por este museu, inclui dois prêmios de âmbito nacional. O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade (IPHAN, 2013) na categoria Patrimônio Imaterial, que reconheceu nossa iniciativa e abordagem como uma ação pertinente e relevante em favor do patrimônio cultural imaterial, e o Prêmio Darcy Ribeiro (IBRAM, 2015) que percebeu o Museu do Patrimônio Vivo como uma ação de educação museal que, por meio das diversas relações

de mediação com os públicos, convida à apropriação, em sentido amplo, do patrimônio cultural, valorizando-o e promovendo sua preservação.

Assim, foi com o recurso proveniente do Prêmio Darcy Ribeiro, que tivemos a oportunidade de realizar mais uma edição da exposição fotográfica itinerante, concretizar a publicação do catálogo, a realização do III Seminário do Museu do Patrimônio Vivo, efetivando o acesso da sociedade paraibana a tais produtos culturais. Por meio dessas ações, foi possível difundir a metodologia do inventário do Museu do Patrimônio Vivo para professores e arte-educadores, pois, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais apontem o patrimônio cultural como conteúdo transversal, ainda carecia de materiais de apoio e formação para docentes visando à abordagem. Os relatos ouvidos durante o seminário reiteraram a importância de poder contar com os catálogos do projeto como um material didático para aplicação em sala de aula.

A oportunidade de executar as duas edições do projeto foi uma grande escola para os agentes, os grupos participantes, o público visitante e a equipe técnica que elaborou e atuou na coordenação desta iniciativa. Os relatos dos agentes culturais, mestres e lideranças comunitárias envolvidos no projeto e nos produtos, assim como professores e arte-educadores, reforçaram a importante contribuição do projeto como uma experiência transformadora.

Destacamos que os prêmios nacionais que contemplaram essa iniciativa reiteram a discussão inicial deste texto, pois tais reconhecimentos, por parte de instituições especializadas do Poder Público, apontam para o processo de democratização das instituições, pois são um indicativo do diálogo entre política pública e sociedade civil. Apesar de atualmente não contar com financiamento, o Museu do Patrimônio Vivo da Grande João Pessoa continua ativo, constituindo uma rede de pessoas atuantes na área da cultura nas diversas localidades participantes do projeto. Dessa forma, suas atividades ultrapassam as limitações formais, não se limitando a paredes, nem desaparecendo com a falta de financiamento, pois tal vivência virou semente que cresce a cada passo dado pelos agentes de cultura junto a suas comunidades.

Museus são também instituições políticas, por trazerem, em seu ânimo, um discurso de poder e carregam consigo a potencialidade subversiva de

reconstruir e ressignificar práticas, a partir de valores comprometidos com a emancipação humana.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu do Patrimônio Vivo.

## Referências bibliográficas

- SIQUEIRA NETO, M. M. “Um museu para a grande João Pessoa”. In: Museu do Patrimônio Vivo. *Catálogo de bens culturais imateriais*. n. 2. 1. ed. João Pessoa: A União, 2016.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). *Notre diversité créatrice*. Paris: Unesco, 1996. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001055/105586fo.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2019.



M.i.S.

Museu da Imagem e do Som

# PROJETO HYPERLINK – NÚCLEO EDUCATIVO DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

Yule Liberati Barbosa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca relatar a experiência do Núcleo Educativo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo na realização do Projeto Hyperlink. Completando 10 anos em 2019, é o projeto mais antigo do núcleo e tem sido realizado em edições constantes desde então.

**Palavras-chave:** Museu da Imagem e do Som; Projeto Hyperlink; formação continuada.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo com especialização em pintura. Trabalha no Museu da Imagem e do Som desde 2013, como educadora. Atualmente é assistente de Coordenação do Núcleo Educativo e coordenadora do Projeto Hyperlink.

Inaugurado em 1970, o Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS) é uma instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Seu acervo conta com mais de 200 mil itens como fotografias, filmes, depoimentos e cartazes. Além de exposições e mostras de cinema regulares, possui programação cultural diversificada voltada para todos os públicos.

Parte fundamental do processo de formação de público, o Núcleo Educativo do MIS atua na área da educação não formal museológica, desenvolvendo projetos de formação crítica para alunos, professores e público geral por meio de visitas mediadas, oficinas, cursos, palestras e outras ações. A equipe é composta por educadores de diferentes áreas acadêmicas e possui formação contínua, atualizando-se no cenário da arte educação e desenvolvendo pesquisas e ações específicas para cada exposição em cartaz.

Entre os projetos de formação crítica, o Projeto Hyperlink destaca-se por ser o mais antigo do Núcleo, realizado em edições regulares desde 2009. Sua principal característica é a democratização do acesso dos conteúdos museológicos e do patrimônio público e artístico a alunos da rede pública de ensino de São Paulo e região metropolitana. Os participantes realizam um trabalho ativo em relação às temáticas do museu, conhecendo as exposições e se apropriando dos conteúdos como cidadãos críticos, expandindo, assim, seus horizontes de vivência para dentro e além do muro escolar, estabelecendo contato com profissionais de áreas artísticas, curatoriais e de produção de exposições. O Hyperlink já contemplou também professores, atuando como um veículo de formação desses profissionais.

A estrutura do projeto, que já foi fixa no passado, hoje adquire formato que muda a cada edição, sempre se adaptando às especificidades do grupo e da temática trabalhada. No entanto, a ideia de estabelecer uma troca entre escolas e o museu, de maneira que transcende a condição tradicional de visitante, é comum a todas as edições.

Ocorrida em 2009, a primeira edição do projeto propunha a reflexão sobre produções contemporâneas que se utilizam de novas mídias para a sua execução. Durante as edições seguintes, o foco continuou sendo trabalhar questões relativas à cultura digital e arte eletrônica, temas que constituíam o assunto principal das exposições do Museu durante a gestão da época.

As características do Museu e do projeto mudaram um pouco a partir de 2012, quando o MIS passou a trabalhar com outras linguagens, e o Hyperlink passou a se dedicar mais à linguagem fotográfica, utilizando o projeto Nova Fotografia do MIS como tema para as propostas trabalhadas com as escolas.

Cumpre salientar a importância da participação da mostra Nova Fotografia no desenvolvimento e amadurecimento do projeto Hyperlink. Criado em 2011, esse programa de exposições é voltado para artistas promissores e ainda pouco conhecidos que se distinguem pela qualidade e inovação de seu trabalho, com o objetivo de criar espaço permanente para exposições. Anualmente, são selecionados seis projetos fotográficos e três suplentes.

A proximidade do Hyperlink com a mostra Nova Fotografia durante várias edições também proporcionou a aproximação do público jovem com um leque de possibilidades, inclusive profissionais, de eles próprios, no futuro, tornarem-se artistas proponentes ou profissionais ligados à arte e à produção museológica.

Ao longo de suas 29 edições, o processo de escolha das escolas participantes também sofreu alterações. Inicialmente, as escolas das redes estaduais e municipais de ensino de São Paulo que estavam interessadas em participar inscreviam-se por meio do site do Museu, por meio de uma convocatória. Foi percebido, porém, que poucas escolas tinham acesso a essa informação e, por isso, a adesão era baixa. O novo critério estabelecido para a participação – que ainda permanece – é o de escolas que já visitaram o museu. Após essa visita, a escola é selecionada pelos educadores do MIS, levando em conta o interesse do grupo, a participação, o comportamento e o trabalho diferenciado realizado por professores em sala de aula.

As atividades realizadas com os grupos participantes também variam de acordo com o que está sendo exposto no museu. Já foram realizadas conversas com curadores e artistas e também atividades práticas, aproximando o grupo do fazer artístico e expandindo as possibilidades de leitura das exposições e dos conteúdos tratados no museu.

Ao longo das edições, percebeu-se o amadurecimento dos estudantes, especialmente quando o mesmo grupo participava de mais de uma edição, e a

crescente sensação de pertencimento ao espaço público, decorrente das ações do projeto.

A 12<sup>a</sup> edição, por exemplo, contou com a presença do fotógrafo Luiz Maximiano, e a atividade girou um torno do que seria considerado um “museu ideal”. Os alunos da EMPG Professora Marlene Rondelli e da EMEF Desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro foram instigados a criarem uma maquete do seu museu levando em consideração não só a temática das exposições, mas também questões relativas à edificação e infraestrutura do espaço. Nessa atividade, depararam-se com os desafios de conceber um espaço que contemplasse as necessidades dos pesquisadores, educadores, equipes de segurança, apoio e receptivo do museu, assim como de seus visitantes. O espaço destinado ao acervo abriu também a discussão sobre suas especificidades, que envolviam questões técnicas como iluminação e ventilação, por exemplo, a fim de pensar sua conservação.



Foto 1: Maquete do que seria o “museu ideal”.

Esse envolvimento com o vivenciar e planejar os bastidores de um museu colaborou para que a aproximação desses jovens com as noções acerca de espaço público fosse mais efetiva. O que se esperava era que essa aproximação não se desse apenas no que se referia a um museu ou a instituições culturais, mas que se estendesse a outros espaços, como a escola, por exemplo, aumentando também o senso de pertencimento a esses locais, assim como a responsabilidade individual para com eles.



Foto 2: Alunos com o fotógrafo Luiz Maximiano.

Já a 25<sup>a</sup> edição, realizada a partir da exposição Renato Russo, trouxe o protagonismo dos alunos na preparação e realização da atividade. Os alunos de 3º ano do ensino médio da EE Professor Allyrio de Figueiredo Brasil, que já haviam participado de outras atividades com os educadores do MIS, foram responsáveis por elaborarem um plano de visita à exposição e executarem essa visita com os alunos de 1º ano de ensino médio da mesma instituição. O grupo, que fez visita com os educadores do MIS e também participou de encontros de formação sobre a temática da exposição, enfrentou questões relativas à acessibilidade, à adequação de linguagem e às estratégias de mediação. Os

depoimentos colhidos ao final da atividade relatavam o quanto importante foi para os alunos mais novos verem seus pares na posição de protagonistas no espaço museal, espaço esse que, embora esteja passando por uma série de reformulações, ainda é visto como elitista e com o poder de legitimar discursos. Já os alunos envolvidos na realização da visita ressaltaram a preocupação com o coletivo durante a atividade (se todos estavam vendo e ouvindo, se a presença do grupo não impossibilitava o livre acesso de outros visitantes) e apontaram a importância e a responsabilidade de serem os responsáveis pela experiência do grupo naquele contexto. Importante destacar que muitos dos alunos do 1º ano nunca haviam visitado um museu e aquela experiência, proporcionada por seus colegas que participam da rotina escolar diária, era o primeiro contato com esse tipo de instituição cultural.



Foto 3: Alunos conduzindo a visita durante a exposição Renato Russo.

Duas edições trouxeram os professores como público-alvo. A 17<sup>a</sup> foi realizada em parceria com a Diretoria Regional de Ensino de São Mateus, com o intuito de apresentar questões relativas à prática museal. Os professores inscritos tiveram uma formação que abordava a história dos museus e, mais especificamente, a do MIS e de como ele dialoga com a contemporaneidade, a educação formal, a não formal e a informal e conceitos relativos à curadoria – que envolvia uma atividade prática – em que o grupo era responsável por uma curadoria coletiva. O contato com os professores mostrou ser de extrema importância, uma vez que eles são parte responsável pela preparação dos alunos para a visita no museu. Embora a visita educativa possa ser desfrutada de muitas formas, também por um público que não recebeu formação prévia, é indiscutível como a experiência é potencializada e ganha novos contornos quando há um *link* entre o que é trabalhado em sala de aula e o que será visto no museu, e os professores são parte fundamental desse processo.



Foto 4: Atividade de curadoria para professores.

O Projeto Hyperlink sempre teve a motivação de realizar trabalhos continuados, expandindo as possibilidades iniciadas por meio da visita ao museu. As últimas três edições do projeto puderam aprofundar essa motivação. Durante o ano de 2018, os alunos da 5<sup>a</sup> série da EE Alfredo Paulino puderam explorar as três linguagens escolhidas pelo MIS como bases de suas exposições principais daquele ano: fotografia, audiovisual e quadrinhos, por meio das exposições Maio Fotografia, Hitchcock – Bastidores do Suspense e Quadrinhos. As ações contemplaram visitas às exposições, discussões e práticas a respeito dessas linguagens. Entre as atividades, o grupo passou por vivências de fotograma, lambe-lambe, construção de narrativas, produção de tirinhas e uma conversa com Felipe Watanabe, quadrinista da DC Comics. Alguns dos temas trabalhados nas atividades já faziam parte da grade curricular do grupo, o que só reforçou a importância de um trabalho em conjunto com os professores responsáveis.

Durante esse processo, pudemos acompanhar também um pouco da dinâmica escolar e do suporte dado pela equipe de professores e coordenadores para que os alunos tenham autonomia na realização de suas atividades, ao mesmo tempo em que são estimulados a exercitar o trabalho em grupo.



Foto 5: Alunos mostrando as tirinhas produzidas para o quadrinista Felipe Watanabe.

A experiência de trabalhar com o mesmo grupo durante o ano foi extremamente positiva, uma vez que possibilitou o desdobramento de assuntos e

atividades, assim como estabeleceu um vínculo maior de trocas de ideias e confiança entre os alunos e os educadores do museu. A estrutura da escola e o envolvimento dos profissionais que lá atuam também se mostraram fundamentais para o desenvolvimento dos alunos, que durante todo o processo se mostraram sempre muito curiosos, desenvoltos criticamente e criativos. Observar a maneira como eles estavam se expressando no final do projeto, tanto visual quanto oralmente, incorporando vocabulário e repertório das atividades anteriores e perceber o quanto eles cresceram e se desenvolveram durante o projeto foi muito gratificante.



Foto 6: Alunos durante a atividade de fotograma.

Em 2015, o Educativo MIS foi convidado para participar do IV Encontro Pensamento e Reflexão na Fotografia apresentando o Projeto Hyperlink, em uma discussão que contemplava o uso de fotografia em sala de aula. No mesmo ano, foi um dos ganhadores do Prêmio Darcy Ribeiro. O prêmio, vinculado ao Instituto Brasileiro de Museus, contempla projetos inovadores na promoção da educação.

Completando 10 anos em 2019, o Hyperlink é um dos únicos projetos do Núcleo Educativo que, no momento, não estão condicionados a nenhum tipo de meta institucional, o que permite liberdade maior de elaboração e execução das propostas. Sua longa permanência também demonstra o engajamento e comprometimento da equipe em sua realização, uma vez que os educadores que iniciaram o projeto já não estão mais presentes e a equipe passou por várias mudanças ao longo do tempo. Em sua trajetória, o projeto acompanhou alunos que agora frequentam o museu na condição de visitantes espontâneos, possivelmente trazendo consigo alguma reverberação dessa experiência.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Créditos: Yule Liberati Barbosa



# 4<sup>a</sup> GINCANA – HISTÓRIA DA ENERGIA ELÉTRICA EM PANAMBI/RS

Temia Wehrmann<sup>1</sup>

Cléa Hempe<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo relata a ação educativa “4<sup>a</sup> Gincana – História da Energia Elétrica em Panambi/RS”. Essa atividade procurou resgatar a história da energia elétrica, sua sustentabilidade e economia, desde a época da colonização do município de Panambi, no ano 1898.

**Palavras-chave:** Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann; energia elétrica; ação educativa.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, especialista em Educação especial pela Universidade Tuiuti do Paraná. Foi coordenadora do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann de 2009 a 2016.

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, especialista em Gestão e apoio pedagógico na Escola Básica: ênfase – administração e supervisão escolar, especialista em Mídias na educação, mestra em Geografia. Coordenadora do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann a partir de 2017 aos dias atuais.

A ação educativa intitulada “4<sup>a</sup> Gincana – História da Energia Elétrica em Panambi/RS” foi realizada de 26 de junho de 2012 a 4 de dezembro de 2012 pelos profissionais que atuam no Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann (MAHP). Essa ação educativa procurou resgatar a história da energia elétrica, sua sustentabilidade e economia, desde a época da colonização do município de Panambi, no ano 1898. Teve como objetivo geral envolver os alunos dos 4<sup>a</sup> e 5<sup>o</sup> anos das escolas de Panambi/RS com a história do município, por meio de interação maior desse público com o acervo do MAHP. Os objetivos específicos foram: proporcionar oportunidade de integração entre alunos de diferentes escolas: municipais, estaduais e particulares; incitar o contato entre crianças e idosos por meio da realização de entrevistas com pessoas idosas; estabelecer um canal de contato entre o MAHP e as escolas por meio do blogue, utilizado como principal meio de divulgação das atividades da gincana; aumentar e divulgar o acervo disponível para pesquisa e visitação.

Quinze equipes se inscreveram, totalizando 375 alunos e 15 professores, participantes diretos da Gincana, que foi composta de cinco tarefas. As quatro primeiras tarefas eram destinadas a todas as equipes e a última tarefa era destinada apenas às três equipes que obtiveram maior pontuação na soma dos pontos obtidos nas quatro primeiras. Conforme o andamento da Gincana, as tarefas foram sendo postadas no blogue do MAHP e também enviadas às equipes participantes por *e-mail*, sendo a principal forma de entrega das tarefas cumpridas, a não ser nos casos em que a resultado da tarefa não permitisse. As tarefas giraram em torno de questões sobre a “História da energia elétrica em Panambi” e sobre o acervo do MAHP. Cada tarefa proposta foi acompanhada de sugestões aos professores a respeito de como trabalhar em sala de aula com o material fornecido, visando não apenas seu cumprimento, como também o envolvimento de todos os alunos na realização das atividades. Cada atividade foi pontuada conforme instruções enviadas.



A Empresa **HIDRO PAN** instalou a sua primeira unidade de geração de energia elétrica em 1926, no Rio Alegre, no município de Condor, pelo Sr. Carlos Ernesto Knorr.

Em dezembro de 1945 uma nova usina passou a funcionar regularmente no rio Palmeira, na Linha Rincão Frente, em Panambi.

O aproveitamento da energia de pequenas quedas d'água, a busca de soluções para o suprimento da demanda por energia elétrica e o tratamento cada vez mais qualificado aos seus 16.000 consumidores, fazem parte da história e dos projetos para o futuro da HIDRO PAN.

**Hidropan – 85 anos de compromisso com você!**



Roda d'água. Acervo do MAHP



Cascata do Rio Palmeira. Acervo do MAHP



Cascata do Arroio Alegre. Acervo do MAHP

## REGAS DO JOGO:

Cada jogador lança o dado e aquele que obtiver a maior pontuação, inicia o jogo. O jogo prossegue com cada jogador lançando o dado para saber a quantidade de casas que deverá alcançar.



Ao chegar a uma casa que contém instruções, o jogador deverá ler em voz alta a orientação e realizar o que está sendo solicitado.

Vence o jogo quem alcançar em primeiro lugar o ponto de chegada.

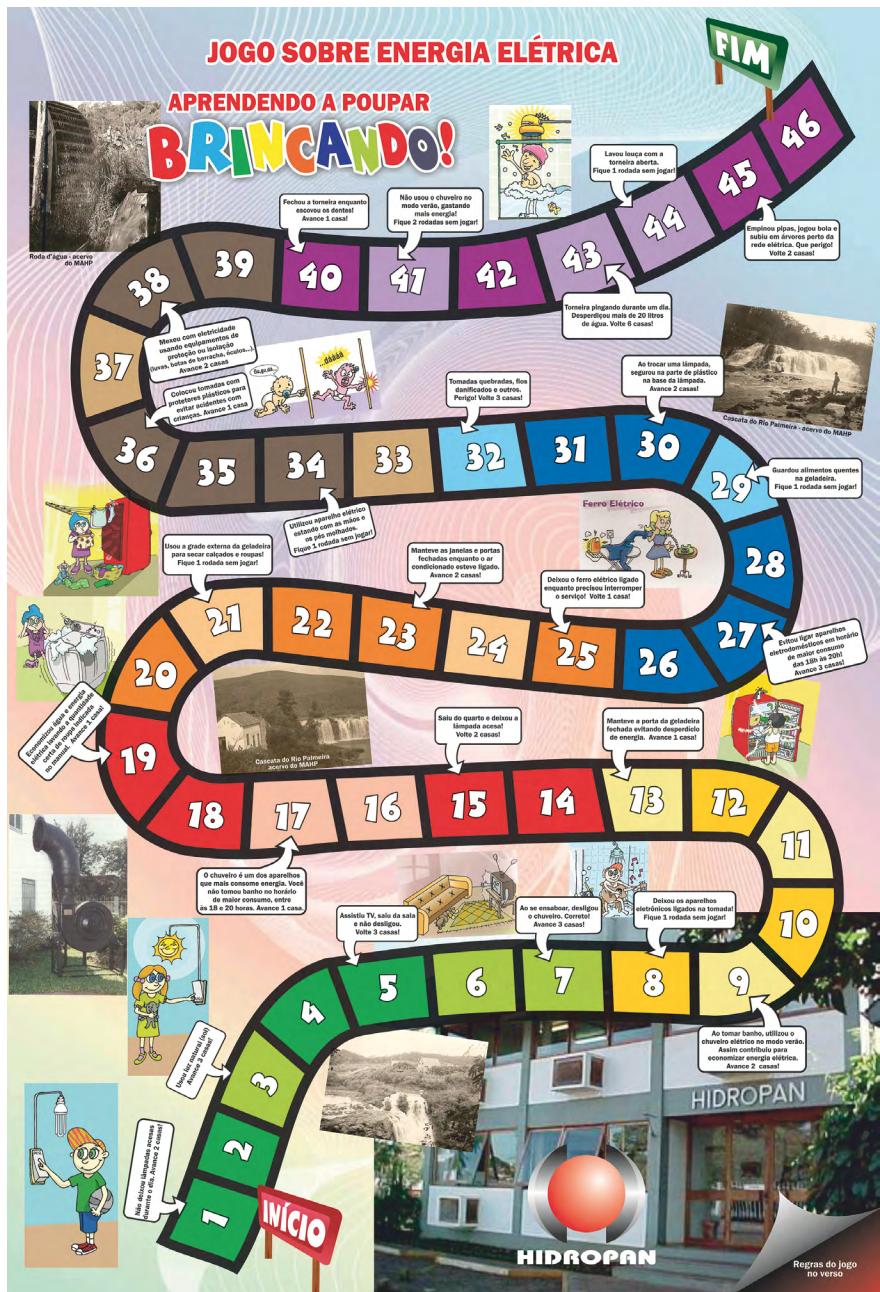
**Existem muitas formas de economizar energia.  
Aprenda jogando!**



Cascata do Rio Palmeira. Acervo do MAHP

EGRAPAN

Foto 1 – Jogo Aprendendo a Poupar Brincando – regras.



**Foto 2 – Jogo Aprendendo a Poupar Brincando – trilha.**

## Tarefas desenvolvidas na 4<sup>a</sup> gincana

Na primeira tarefa, as equipes receberam um jogo “Aprendendo a poupar brincando”, patrocinado pela Empresa Hidropan, concessionária de energia elétrica de Panambi, elaborado pela equipe do MAHP.

As equipes foram orientadas a fazer a leitura de um texto sobre colonização, povoamento e a história da energia elétrica. A sugestão aos professores foi de que o texto fosse discutido em sala de aula como complemento e a tarefa deveria ser cumprida a partir do jogo, seguido de diálogo e produção de logomarca e justificativa para a mesma, além da criação de um nome para a equipe.

Na segunda tarefa, as equipes analisaram os gastos de energia elétrica em uma semana e a do ano anterior em sua escola. A atividade consistia em elaborar um projeto de economia da energia elétrica na escola. O projeto deveria conter objetivos, ações, metas e uma das ações comprovadas.

A terceira tarefa envolveu um texto produzido a partir de pesquisas realizadas nos documentos do MAHP sobre um imigrante alemão e seu empreendedorismo na implantação da energia elétrica e como curiosidades, engenhocas criadas por ele para superar dificuldades no início da colonização. Com essa preparação, os alunos foram convidados a visitar, no museu, a exposição temporária “Recanto sem energia elétrica”. A partir do diálogo, elaboraram um texto sobre como era a vida sem energia elétrica.

Na quarta tarefa, as equipes receberam a missão de interpretar uma fotografia juntamente com a observação das mudanças pelas quais a cidade passou ao longo dos anos. A foto usada foi tirada no inverno de 1965, em uma ocasião em que Panambi ficou praticamente coberta pela neve. O local retratado foi a Praça Central, naquela época com uma configuração bastante diferente da atual, porém com alguns detalhes que permitiam a sua identificação na foto. A orientação foi de que as equipes observassem a fotografia, pesquisassem e entrevistassem pessoas idosas e, na medida do possível, participassem de um passeio até a praça para responderem perguntas enviadas com a tarefa sobre a fotografia (BLOG MAHP). Ainda, como atividade complementar, foi enviada uma carta enigmática sobre a história da energia elétrica de Panambi.

A quinta e última tarefa foi destinada apenas às três equipes finalistas, ou seja, àquelas que somaram mais pontos nas quatro primeiras tarefas. Foi realizada no dia 6 de novembro de 2012, no Salão Farroupilha, espaço ao lado do MAHP, e organizada em formato de um jogo, com perguntas/respostas e outras atividades que giraram em torno de três eixos: história da energia elétrica de Panambi, Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann e interpretação de fotografias históricas de Panambi. Os professores foram orientados a revisarem o conteúdo da história de Panambi e, no dia 6, antes de começarem as perguntas e atividades, as equipes assistiram a uma apresentação sobre a história e o acervo do MAHP. Cada equipe somou os pontos obtidos nesta tarefa com os obtidos nas quatro primeiras tarefas, aquela que somou mais pontos foi vencedora da Gincana.

A equipe “Super Ligados”, da EMEF Princesa Isabel foi a vencedora da gincana. Essa turma recebeu como prêmio um passeio que contemplou a visita a locais onde havia bens patrimoniais e históricos do município de Panambi/RS.

Esse passeio foi custeado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Panambi/Prefeitura Municipal de Panambi/RS e ocorreu no dia 4 de dezembro de 2012.

### Roteiro do passeio realizado pela turma vencedora

Para a realização do passeio a locais com bens patrimoniais e históricos, foram selecionados seis lugares. Na Linha Encarnação foi visitada a paineira-mãe, a figureira centenária e uma vertente d’água, na propriedade particular. Na Linha Boa Vista o túmulo de João Luiz Malheiro, o qual deu origem ao Cemitério da Linha Boa Vista. Na Linha Maraney foi visitada a Casa da Memória Rural, particular, de propriedade de Roque Wathier. Na Linha Belizário, a estação de trem, que se encontra desativada. Este dia foi especial e teve muita animação, brincadeiras e uma viagem no tempo, resgatando a história do povoamento e da colonização, comparando a área de campo e de mata, as diferenças entre o século XIX e o início do século XX, com os dias atuais em relação a preço da

terra, aquisição da terra, adubação, importância da energia elétrica para o crescimento de Panambi, entre muitos outros temas.

O objetivo da gincana foi alcançado, pois envolveu as equipes, despertando o interesse pela história do município e do MAHP. Essas foram muito criativas, inclusive houve a participação das famílias.

Os benefícios culturais consistiram no resgate da história do município, especificamente a história da energia elétrica em Panambi/RS. Estes foram e serão multiplicadores na comunidade local e, indiretamente, em nível regional e estadual por meio da atuação em relação à economia de energia elétrica e valorização das tecnologias do início do século XX e dos avanços tecnológicos. Com a instalação do “Recanto sem energia”, o Museu reorganizou seus espaços, oportunizando a visitação do público em geral, onde os visitantes vivenciavam histórias sobre o acervo do MAHP, impregnadas de cultura.

A ação educativa gerou impactos socioculturais, considerando-se o grande número de alunos envolvidos, muitos dos quais ainda não tinham se sentido desafiados a se envolver em pesquisas históricas. Pode-se afirmar que a ação educativa despertou nos alunos, inclusive na comunidade, o interesse pelo acervo, como parte da história e vinculado com a realidade. A interação com o “Recanto sem energia elétrica” desencadeou a percepção da ligação entre o passado e o presente, tornaram o trabalho de sensibilização sobre sustentabilidade mais significativa e dialógica, levantando hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurando soluções, como metas para a redução do consumo de energia elétrica. Houve diminuição de gastos de energia elétrica nas escolas, por meio de estudos sobre formas de economia, envolvendo jogos, atividades e projeto de ações. Também levou à reflexão sobre consumismo e sustentabilidade.

Conclui-se que o desenvolvimento dessa ação conquistou multiplicadores de práticas ambientais e possibilitou a concretização da ideia de que as instituições museológicas são compreendidas como práticas sociais colocadas a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e comprometidas com a gestão democrática e participativa (DEMU/IPHAN/Minc 2004).

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do MAHP.

## Referências bibliográficas

- BLOG MAPH. *Atividade ofertada aos alunos*. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2012/09/tarefa-4-da-4-gincana.html>>. Acesso em: 14 out. 2011.
- CABRAL, Magaly. *Curso ação educativa em museus*, set./2011.
- FAUSEL, Erich. *Cinquentenário de Panambi*. 1889-1949. Acervo do Arquivo Histórico.
- FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS (2004: Salvador, Bahia/BA). *A imaginação museal: os caminhos da democracia*. Relatório. Ministério da Cultura, Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. Brasília: MinC/Iphan/DEMU, 2004.
- LOURENÇO, Maria Cecília. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: Edusp. 1999.
- MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO PROFESSOR HERMANN WEGERMANN (MAHP). *Relação de registro do acervo de peças diversas*. Arquivo Histórico do MAHP.
- MINISTÉRIO DA CULTURA, INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Plano Setorial de Museus – 2010-2020*. Brasília: MINC/Ibram, 2010.
- SILVA, Margarida Brandina Pantaleão. *Museu e ação pedagógica: uma parceria de sucesso*. Disponível em: <[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=8948](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=8948)>. Acesso em: 2 abr. 2011.
- VYGOTSKY, Lev. S. *Obras completas*. La Habana: Pueblo Y Educacion, 1995. vol. 5.



ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM MULISH E SOURCE SERIF PRO EM DEZEMBRO DE 2022.